

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
Zuleica Luana Kraemer

OS IMIGRANTES ALEMÃES, A POLÍTICA BRASILEIRA E A MULHER NAS OBRAS
A FERRO E FOGO: I. TEMPO DE SOLIDÃO E BÁRBAROS NO PARAÍSO

Porto Alegre
2022

Zuleica Luana Kraemer

OS IMIGRANTES ALEMÃES, A POLÍTICA BRASILEIRA E A MULHER NAS OBRAS
A FERRO E FOGO: I. TEMPO DE SOLIDÃO E BÁRBAROS NO PARAÍSO

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisição parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann
Linha de pesquisa: Teoria, Crítica e Comparatismo

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Kraemer, Zuleica Luana
OS IMIGRANTES ALEMÃES, A POLÍTICA BRASILEIRA E A
MULHER NAS OBRAS A FERRO E FOGO: I. TEMPO DE SOLIDÃO E
BÁRBAROS NO PARAÍSO / Zuleica Luana Kraemer. -- 2022.
78 f.
Orientador: Gerson Roberto Neumann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Imigração Alemã. 2. Literatura Brasileira. 3.
Política. 4. Mulher. 5. Literatura Comparada. I.
Neumann, Gerson Roberto, orient. II. Título.

Zuleica Luana Kraemer

OS IMIGRANTES ALEMÃES, A POLÍTICA BRASILEIRA E A MULHER NAS OBRAS
A FERRO E FOGO: I. TEMPO DE SOLIDÃO E BÁRBAROS NO PARAÍSO

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisição parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann
Linha de pesquisa: Teoria, Crítica e Comparatismo

Aprovada em 29 de agosto de 2022.

Banca examinadora

Professora Dra. Isabel Cristina Arendt - UNISINOS

Professor Dr. Ernani Mügge - FEEVALE

Professor Dr. Jocelito Zalla - UFRGS

Orientador - Professor Dr. Gerson Roberto Neumann - UFRGS

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha gratidão aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por terem ministrado aulas riquíssimas, pelo empenho em formar mestres e doutores com tamanho comprometimento, por muitas vezes terem sido mais do que somente professores.

Agradeço imensamente ao professor Dr. Gerson Roberto Neumann, pela acolhida na orientação desta dissertação, do meu Trabalho de Conclusão de Curso e de toda a minha jornada acadêmica. O afeto, a paciência e a sabedoria que teve comigo sempre foram determinantes para a formação da pesquisadora e da pessoa que eu sou hoje.

À banca examinadora que aceitou o convite de ler com atenção o meu trabalho, bem como trazer contribuições importantes para o meu crescimento enquanto pesquisadora: professora Dra. Isabel Cristina Arendt, professor Dr. Ernani Mügge e professor Dr. Jocelito Zalla, muito obrigada!

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ter me proporcionado a possibilidade de ter um futuro bom, de poder ser uma professora empenhada em ser acolhedora e justa com os meus alunos, assim como a universidade foi comigo, me permitindo morar, comer, me deslocar e adquirir material acadêmico através do programa de auxílio estudantil.

Um agradecimento cheio de amor aos meus pais Iria e Milton, agricultores familiares que sempre acreditaram em uma vida de trabalho honesto, que com suas mãos calejadas e a pele tostada de sol, deram tudo e mais um pouco de si para terem três filhas formadas, que sempre acreditaram no poder da educação e que, achando que nós três os enchemos de orgulho, não imaginam o orgulho que sentimos deles.

Um carinho especial às minhas manas, Graciele e Liege, que caminharam junto comigo, me apoiando nas minhas decisões e fazendo a vida ser mais florida.

Um abraço aos meus muitos amigos, que compreenderam meus momentos de isolamento e que mandaram forças para que a pesquisa acontecesse. Eu amo vocês!

Por último, mas não menos importante, ao Henrique, por ter segurado minha mão tantas vezes, por ter feito comida e café enquanto eu estudava, por ter sido compreensivo nos finais de semana em que não pudemos nos ver, por me ouvir e me abraçar.

Se examinarmos a história do Rio Grande, vamos notar que é uma história de riqueza excepcional para qualquer criação literária. É uma história que atrai qualquer romancista. História de grandes amores, de grandes lutas, de grandes violências. História de uma gente que teve por missão marcar fronteiras. Isto é muito importante para a criação de um espírito nacional, brasileiro, de uma interpretação histórica, sociológica. Vivemos anos aqui, lutando para saber onde era a fronteira do Brasil - em Santa Catarina, depois o Rio da Prata. Com a Cisplatina começamos a definir essas fronteiras. E tudo isso com grandes histórias. Se bem que a “história”, ela é, no fundo, bastante artificial. Por trás da história, nas entrelinhas da história, podemos encontrar outras coisas muito mais interessantes, muito mais vivas, em que os combatentes não foram tão “combatentes”. Há muitos “heroísmos” por aí, motivados por interesses pessoais de riqueza, de domínio. (Josué Guimarães in AQUINO, 2006, p.262)

RESUMO

Este estudo examina como se dá a relação dos imigrantes alemães e dos seus descendentes com a política brasileira e analisa a figura feminina nos livros *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, (1982) do autor Josué Guimarães, e *Bárbaros no Paraíso* (2003), de Pedro Stiehl. A escolha destas duas obras tem por fundamento o fato de uma delas se passar no início da imigração alemã no Rio Grande do Sul (1824) e a outra com uma distância histórica de noventa anos (1914). No começo, trago um contexto histórico da imigração alemã no Rio Grande do Sul e como ela é encontrada na Literatura Brasileira. Realizo um panorama histórico dos principais conflitos bélicos que aconteceram no sul do Brasil e que acabaram por envolver imigrantes alemães. Trago brevemente questões referentes à forma literária romance. Analiso, através das obras literárias, as consequências que as questões políticas brasileiras produzem no sujeito de origem alemã e como isso ressoa nas personagens mulheres. Ao longo desta dissertação, trechos das duas obras são trazidos como forma de exemplificar o que está sendo estudado. O trabalho é realizado dentro do projeto de pesquisa ECALB (Elementos da Cultura Alemã na Literatura Brasileira).

Palavras-Chave: imigração alemã; Literatura Brasileira; política; mulher.

ZUSAMMENFASSUNG

In der vorliegenden Arbeit werden das Verhältnis deutscher Einwanderer und ihrer Nachkommen zur brasilianischen Politik und die weibliche Figur in den Büchern *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, (1982) des Autors Josué Guimarães, und *Bárbaros no Paraíso* (2003) von Pedro Stiehl analysiert. Die Wahl dieser beiden Werke basiert sich darauf, dass eines zu Beginn der deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul (1824) und das andere mit einem historischen Abstand von neunzig Jahren (1914) spielt. Zu Beginn bringe ich einen historischen Kontext der deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul und wie sie in der brasilianischen Literatur zu finden ist. Ich mache einen historischen Überblick über die wichtigsten Kriegskonflikte, die im Süden Brasiliens stattfanden und an denen deutsche Einwanderer beteiligt waren. Ich bringe kurz Fragen zur literarischen Form des Romans. Ich analysiere anhand literarischer Arbeiten, welche Konsequenzen brasilianische politische Themen für das Thema deutscher Herkunft haben und wie dies in den weiblichen Charakteren nachhallt. In dieser Dissertation werden Auszüge aus den beiden Arbeiten präsentiert, um zu veranschaulichen, was untersucht wird. Die Arbeit erfolgt im Rahmen des Forschungsprojekts ECALB (Elemente der deutsche Kultur in der brasilianischen Literatur).

Schlüsselwörter: deutsche Einwanderung; Brasilianische Literatur; Politik; Frauen.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Uma trajetória pessoal	10
1.2	O contexto histórico e a representação na Literatura da imigração alemã	11
2	PANORAMA DOS CONFLITOS BÉLICOS DO RIO GRANDE DO SUL E O ENVOLVIMENTO DOS ALEMÃES	15
3	JOSUÉ GUIMARÃES E PEDRO STIEHL CONTAM A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL	20
3.1	O romance como forma literária de contar a história da imigração alemã	20
3.2	<i>A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão e Bárbaros no Paraíso</i>	24
4	A POLÍTICA NO CENÁRIO IMIGRATÓRIO	39
4.1	<i>A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão</i>	39
4.2	<i>Bárbaros no Paraíso</i>	48
5	A FIGURA FEMININA NAS OBRAS DE GUIMARÃES E STIEHL	57
5.1	<i>A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão</i>	57
5.2	<i>Bárbaros no Paraíso</i>	65
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
8	ANEXOS	78

1 INTRODUÇÃO

1.1 Uma trajetória pessoal

O tema da imigração alemã me toca pessoalmente por ser também eu uma pessoa de origem alemã. Apesar de ter questionado algumas vezes os meus pais, avós e tios sobre quem da família teria vindo do que hoje conhecemos por Alemanha e ninguém ter conseguido me responder, até onde foi possível lembrar, todos os casais eram de origem alemã.

Além disso, a maioria das cidades onde eu morei ou que frequento até hoje são habitadas majoritariamente por pessoas de origem alemã. Minha mãe e meu pai, assim como boa parte da minha família, são até hoje agricultores. Quando completei onze anos de idade, eu e meus pais nos mudamos para um sítio em uma cidade onde quase não havia pessoas de origem alemã. Eram os tais “brasileiros”, como até hoje é comum escutar em contraposição aos “alemães”, estes sujeitos que na verdade são de origem alemã. Nesta cidade, chamada Sentinela do Sul, fomos muito bem acolhidos. Os habitantes eram pessoas alegres, que em sua maioria levava a vida de forma mais leve, se cobravam menos em relação à aquisição de bens materiais, à disciplina, à ordem, ao valor do trabalho.

Desde que comecei a me conscientizar de que no mundo não havia só pessoas brancas, falantes de um dialeto alemão, colonos do português “quebrado”, fui me incomodando, aos poucos, com certas situações. Não entendia porque os “brasileiros” muitas vezes eram rebaixados a seres inferiores, menos esforçados, menos trabalhadores, de menor valor... Esse tipo de situação ficava explícita tanto na fala quanto em ações, como, por exemplo, na negação de descendentes de alemães em se relacionarem afetivamente com pessoas que não pertencessem ao mesmo grupo racial. E aí, em se tratando de pessoas negras ou indígenas, principalmente, essas questões eram ainda mais difíceis.

Quando terminei o Ensino Médio, sempre estudando em escola pública e sendo beneficiária de alguns projetos do governo federal, não passei no vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para o curso de História, mas tive uma nota boa no SiSU (Sistema de Seleção Unificada) e acabei escolhendo o curso de Letras Português/Alemão na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Estudei na UFPel por três semestres e, então, através do processo extravestibular, migrei para a UFRGS, a qual estava localizada mais próxima da cidade onde minha família mora e tinha o curso de Alemão já mais consolidado.

Eu conheci o professor Gerson Neumann na UFPel em 2010 e, desde então - com alguns espaços de tempo -, trabalho com ele em projetos de pesquisa na área da Literatura Brasileira. Desde 2009 existe o projeto ECALB (Elementos da Cultura Alemã na Literatura Brasileira) e foi nele que eu realizei a pesquisa para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. No TCC, analisei o papel da memória nas relações entre imigrantes e/ou descendentes de imigrantes alemães com indígenas nas obras *A história de Walachai*, de João Benno Wendling, e *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*, de Fidélis Dalcin Barbosa.

Comecei a trabalhar como professora de Língua Alemã ainda na graduação através do NELE (Núcleo de Ensino de Línguas Estrangeiras) da UFRGS e, desde fevereiro de 2017, sigo trabalhando nesta área em escolas regulares particulares.

Mesmo não trabalhando com Literatura Brasileira, sempre procurei manter o vínculo com ela, fosse como leitora, fosse como estudante. No início de 2019 iniciei uma Especialização em Literatura Brasileira na UFRGS e no final do mesmo ano a concluí. Em agosto de 2019 também iniciei os estudos em Literatura Comparada no mestrado da Pós Graduação do curso de Letras da UFRGS e esta dissertação é o produto final destes estudos, que, em meio a uma pandemia global, tornaram-se bastante difíceis e demorados.

1.2 O contexto histórico e a representação na Literatura da imigração alemã

O Brasil é um país que não pode ser compreendido sem que levemos em consideração a diversidade étnica que o compõe e quais foram os motivos que geraram tamanha diversidade. Os processos imigratórios que aconteceram desde a chegada dos portugueses são um dos motivos disto. No trabalho que segue, a imigração alemã, iniciada no Brasil no ano de 1824, será um dos temas centrais de análise.

Em consonância, Lilian Schwarcz e Heloísa Starling, em sua preciosa análise do panorama histórico brasileiro desde a invasão dos portugueses até as duas primeiras décadas do século XXI, trazem em seu livro *Brasil, uma biografia* também a presença dos imigrantes alemães no Brasil.

Enganados por uma propaganda ilusória, poloneses, alemães, espanhóis, italianos, portugueses e, mais tarde (a partir dos últimos anos da década de 1910), japoneses foram tomados por uma febre imigratória. O mito da abundância dos trópicos casou-se bem com uma Europa que expelia sua população pobre e seus pequenos

proprietários endividados. Por fim, o considerável aumento populacional em escala mundial, coadunado com a melhoria dos transportes, acabou por colocar à disposição grandes grupos de camponeses desempregados. Estima-se que mais de 50 milhões de europeus abandonaram seu continente de origem em busca da tão desejada “liberdade”, que vinha sob a forma de propriedade e emprego. (SCHWARCZ; STARLING 2018, p. 323)

Para o sul do Brasil vieram muitos imigrantes alemães. Os primeiros chegaram em São Leopoldo em 1824 e foram tomando primeiramente as picadas na região do Vale dos Sinos. O desejo de branqueamento da população brasileira e de ter mão de obra especializada foi uma política implementada principalmente depois de 1850. Na antiga província do Rio Grande de São Pedro, hoje o estado do Rio Grande do Sul, esse movimento começou mais cedo. No começo, os alemães que vieram ao sul do Brasil tinham a promessa de receberem terras, ferramentas e sementes do Império. Mais tarde, a situação mudaria. Conforme Schwarcz e Starling,

desde o início, o processo de imigração apresentou características distintas. Como existiam grandes áreas não ocupadas no Sul do país, instalou-se aí um modelo de imigração baseado em pequenas propriedades policultoras. Tanto nos núcleos do governo como nos particulares, a terra era vendida a prazo, em lotes de vinte a 25 hectares geralmente distribuídos ao longo dos cursos de água. As propriedades eram, porém, muito isoladas, e seus novos habitantes sujeitos a todo tipo de adversidade: ataques de indígenas, maus-tratos por parte da população local, dificuldades de comércio. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 323)

Todavia, a questão das terras inabitadas é questionável. Desde que se tem conhecimento, indígenas ocupavam estas terras, principalmente as regiões de mata fechada. Por se tratar de uma etnia que até os dias atuais não é considerada útil às demandas do sistema vigente, as regiões ocupadas por ela eram consideradas propriedades do Império e, por isso, poderiam ser vendidas a outras populações.

No livro *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*, consta que as terras planas do estado eram habitadas por portugueses e as terras de mata foram destinadas aos imigrantes alemães. Estes vieram para cá, em sua grande maioria, fugidos da pobreza e de doenças que assolavam a Europa. Casou-se a isso a política governamental de embranquecimento da população brasileira. Os primeiros colonos fixaram-se na extinta Real Feitoria do Linho Cânhamo, local que depois seria chamado de São Leopoldo. Neste local moravam negros escravizados. Estes foram levados para o Rio de Janeiro e, em seus

casebres, foi onde os primeiros imigrantes alemães moraram até receberem as promessas do governo imperial.¹

O Rio Grande do Sul inaugura a política imperial pela concatenação dos quatro fatores: desejo de branqueamento da população brasileira, necessidade de mão de obra especializada, terras consideradas inabitadas e disposição de mover os negros escravizados para outras regiões do país, tornando o sul a região mais branca do Brasil.

Neste trabalho, analisarei como é narrada a imigração alemã no sul do Brasil em dois livros de ficção. Na introdução do livro *A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense*, Aquino (2007, p. 13-14) afirma que o romance possibilita ao leitor “um outro mundo, bem estruturado, com as dimensões de um todo, um mundo que se deixa comparar com aquele que chamamos de “real” e que serve de contraponto a este real.”.

Apesar de a história da literatura considerar a obra como algo independente, ou seja, que uma vez lançada não tem mais vínculo com quem a escreveu e, por isso, dar pouquíssima ou nenhuma importância à questão da autoria, ela também seleciona os seus textos com base nos escritores para formar um cânone. A questão da autoria e/ou do período histórico em que um texto foi escrito importa. É o caso dos dois textos objetos de análise nesta dissertação. Ambos os autores nasceram e viveram grande parte da vida em cidades gaúchas que tinham e ainda têm influência da cultura alemã, trazida pelos imigrantes.

Mas a pergunta que sempre fica é: como fica a questão do valor estético da obra quando pensamos nela considerando a biografia de quem escreve? Quando o autor é levado em consideração na análise de uma obra literária, não é mais possível usar os mesmos padrões da crítica literária até então usados, pois quando temas como raça e gênero, por exemplo, são escolhidos para analisar uma obra literária, é preciso levar a autoria em consideração na análise.

Apresentarei a seguir primeiramente um panorama dos conflitos bélicos brasileiros em que os imigrantes alemães e/ou seus descendentes estiveram envolvidos. Depois, no capítulo três, desenvolverei a questão do romance como forma literária na qual estão inseridas as duas obras aqui analisadas. Faço esta análise já trazendo as obras como exemplificação. Ainda neste capítulo, como subcapítulo apresento, de forma um pouco mais

¹ Ver em Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul, traduzido por Arthur Rambo e publicado pela Editora UNISINOS em 1999.

extensa, os livros de Josué Guimarães e Pedro Stiehl. É importante frisar que tomei por decisão trazer algumas citações mais extensas dos livros por considerar que fossem importantes para a compreensão do que é analisado.

No capítulo quatro, analiso como é representada nas duas obras a relação dos imigrantes e/ou descendentes de alemães com a política brasileira. O capítulo cinco é dedicado ao estudo da figura feminina em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* e em *Bárbaros no Paraíso*.

2. Panorama dos conflitos bélicos no Rio Grande do Sul e o envolvimento dos alemães

Desde a invasão dos portugueses no Brasil, o território que hoje é demarcado como sendo o Rio Grande do Sul passou por diversas redemarcações. Inicialmente, as disputas eram entre as cortes de Lisboa e Madrid. A partir do Tratado de Madrid de 13 de janeiro de 1750, iniciaram-se as primeiras tentativas de demarcar fronteiras.

Incorporado tardiamente à colônia, o extremo sul era área de fronteira, terra de posse incerta, porém essencial: zona de acesso à rica região da Bacia do Rio da Prata. De início (1626), a região fora ocupada por padres vindos do Paraguai, que, sob a bandeira espanhola, fundaram missões para o aldeamento de índios. Com a chegada de bandeirantes, os jesuítas abandonaram o local, mas deixaram por lá o gado chimarrão. Anos mais tarde seria a Coroa portuguesa que avançaria rumo ao sul, fundando, em 1680, na Bacia do Prata - em território que é hoje o Uruguai -, a Colônia de Sacramento. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 260)

Houve, primeiramente, a guerra dos Guarani contra portugueses e espanhóis, onde os portugueses conquistaram a região das Missões em 1756, depois de matarem o líder dos Guarani, Sepé Tiaraju. Neste momento, ficou acordado que os espanhóis ficariam com a Colônia de Sacramento e os portugueses com as Missões. Todavia, cinco anos depois as Missões eram entregues aos espanhóis.

De 1761 até 1821 aconteceram várias demarcações entre Portugal e Espanha em relação ao território no sul do Brasil. Os luso-brasileiros já criavam um sentimento de patriotismo local. Do Rio de Janeiro vinha a política expansionista de Dom João VI e este se aproveitou do sitiamento de Artigas em Montevideu para reincorporar a Província da Cisplatina ao território brasileiro.

Três anos depois chegavam os primeiros alemães em São Leopoldo e, em 1825 iniciava a segunda parte da Guerra Cisplatina, reaberta pelo coronel uruguaio Lavalleja, ajudado pelo governo de Buenos Aires. Esta guerra é determinante para toda a narrativa de *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*. O mapa que se encontra no anexo 1² desta dissertação ilustra bem como foram as fronteiras no sul do Brasil desde 1750 até 1851.

Sobre o envolvimento dos imigrantes alemães e seus descendentes em conflitos no Brasil, a obra do estudioso Jean Roche, *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*, é de grande relevância. Do livro lê-se:

² O mapa foi extraído do livro *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul* de Jean Roche e encontra-se na página 46 do livro.

Uma vez mais concentraram-se no sul do Rio Grande as tropas brasileiras, que compreendiam batalhões de mercenários alemães e mesmo unidades de “voluntários alemães”, recrutados na colônia de São Leopoldo, recentemente fundada. Uma vez mais, o fluxo e o refluxo dos exércitos inimigos varreram o Rio Grande do Sul. (ROCHE, 2022, p. 49)

A Guerra dos Farrapos teve seu início com revoltas contra a concentração de poder na corte. Segundo Schwarcz e Starling, o termo *Farrapos* foi adotado porque os revoltosos “lutaram como “farrapos” - termo que lembra a pouca roupa, esfarrapada, das camadas mais pobres. Mas ali estavam reunidos não só os peões das estâncias como proprietários de terra e de gado do Sul, e pessoas de todos os estratos sociais.” (p. 259). O conflito teve início no dia 20 de setembro de 1835 e só terminou dez anos depois.

Os senhores do Sul discordavam das altas taxas que recaíam sobre o gado, sobre a terra e principalmente sobre o charque. Por outro lado, com a perda da província Cisplatina, em 1828, motivada pela independência do Uruguai, o desprestígio e o orgulho ferido transformaram-se em cicatrizes. “Transformou-se o Rio Grande numa estalagem do Império”, bradava o estancieiro, militar e general Bento Gonçalves, resumindo o sentimento geral daqueles que se viam apenas como prestadores de serviços e defensores da fronteira. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 261)

Em *A Ferro e Fogo: II. Tempo de Guerra*, livro que segue a saga da família Schneider e de Gründling, há o envolvimento dos imigrantes alemães no conflito dos Farrapos. Gründling, depois de ter perdido Sofia e declinado nos negócios, decide se lançar à luta. Essa questão não será analisada aqui, mas ficará um pouco mais clara adiante. Outra personagem de *A Ferro e Fogo* que luta nesta batalha é Philipp, filho mais velho de Catarina e Daniel, com apenas dezesseis anos de idade.

Os colonos alemães foram arrastados à guerra civil; a maioria, porém, conservou-se fiel ao governo imperial. Quando se restabeleceu a calma nas colônias, a prosperidade voltou a elas, maior mesmo do que antes de 1835, pois a Guerra Farroupilha foi para São Leopoldo um catalisador da produção agrícola e artesanal. Por outro lado, em 1846, concedeu-se aos colonos a naturalização em massa pelos serviços prestados durante a luta: o Império apreciava, portanto, a colaboração que os colonos lhe tinham levado. Isso, entretanto, não nos deve iludir. O triunfo dos Legalistas não determinou o fortalecimento da submissão dos colonos ao Estado, e o revés dos Republicanos fixou a oposição entre a planície e a colônia. Se a Guerra Farroupilha permitiu que os colonos aprendessem a conhecer os rio-grandenses, de forma alguma, em compensação, reduziu a distância que os separava. (ROCHE, 2022, p. 50)

A Guerra do Paraguai, também conhecida como a Guerra da Tríplice Aliança, foi um conflito que, em sua origem, tinha tudo para ser breve, mas que aconteceu por cinco anos, de

1865 a 1870, deixando muitos mortos, desaparecidos e tendo sido a batalha mais sangrenta da qual se tem conhecimento na história do Brasil até hoje. Neste momento, quem comandava o Brasil era Dom Pedro II e foi então que o sistema monárquico teve os sinais de que o seu fim estava próximo.

Em 1860, as questões relacionadas à fronteira do Rio da Prata pareciam estar resolvidas. Segundo Schwarcz e Starling (p. 292), uma outra questão emergia: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, os quatro países que faziam parte da bacia do rio da Prata, discutiam o “acesso à navegação na bacia platina, a hegemonia sobre o lugar e a conformação de diferentes processos nacionais”.

Concomitante a isso estava a questão cada vez mais iminente de abolir a escravidão de negros no Brasil. Desde 1850, o tráfico de negros já estava proibido e, depois de os Estados Unidos terem acabado com a escravidão em 1865, o Brasil deveria caminhar na mesma direção. Todavia, essa questão ficaria mais um tempo de lado, tendo em vista que o Brasil entraria com tudo em conflitos contra o Paraguai. Também em 1850 foi assinada a Lei de Terras, onde Dom Pedro II optava por não ter mais pequenas propriedades rurais, mas sim latifúndios dividindo as zonas rurais do Brasil.

Não pretendo detalhar aqui os caminhos que fizeram o Brasil chegar na Guerra do Paraguai. Schwarcz e Starling explicam que, depois de alguns conflitos, existiam dois blocos, “de um lado, federalistas argentinos, blancos uruguaios e o Paraguai; de outro, o Império brasileiro, o Partido Colorado e o governo argentino” (p. 293). O estopim para o início dos conflitos na bacia platina foi um resquício da Guerra Cisplatina. Brasileiros vivendo no lado uruguaio da fronteira reclamavam de abusos e o Império exigia medidas urgentes do governo uruguaio. A exigência não foi atendida e então houve uma invasão do Brasil no Uruguai, na qual Argentina e Paraguai acabaram se envolvendo.

É sintomático que as três visitas do imperador ao Rio Grande do Sul tenham coincidido com campanhas militares. Em 1826, D. Pedro I esteve ali quando a Segunda Guerra Cisplatina se encontrava numa fase sombria. Em 1846, o jovem imperador D. Pedro II visitava as principais cidades rio-grandenses logo após a Guerra Farroupilha. Ainda lá voltou em 1865, quando da guerra contra o Paraguai. (ROCHE, 2022, p. 49)

De fato, em 7 de julho de 1865 Dom Pedro II foi ao sul para marchar até Uruguaiana e dar o exemplo ao exército.

No final, o que consta no livro *Brasil: uma biografia* é que o Brasil perdeu quase 24 mil homens e que foi uma guerra muito sangrenta, como bem ilustra o quadro *Batalha do Avaí*, de Pedro Américo de Figueiredo e Melo.

O envolvimento dos alemães nesta guerra foi através de alistamento no exército brasileiro. Além disso, os *Brummers* (mercenários alemães) também são recrutados pelo governo imperial. Depois do fim da guerra, a maioria destes alemães, os *Brummers*, permanece no Rio Grande do Sul.

No livro de Pedro Stiehl, a Revolução Federalista (1893 a 1895) aparece algumas vezes como pano de fundo de conflitos que estão acontecendo no início do século XX. Em 1923, quando no Rio Grande do Sul Borges de Medeiros seria reeleito contra Assis Brasil, havia uma disputa grande entre os republicanos e federalistas, ou entre os chimangos e os maragatos. Isso ainda era um resquício forte da Revolução Federalista. Em *Bárbaros no Paraíso*, há um trecho em que, em uma bodega no interior de Montenegro, onde o dono era federalista e um dos clientes, João Fortes, um republicano, acontecerá uma briga depois do resultado da eleição, a qual foi precedida do seguinte diálogo:

Fontourinha serviu-os. Olhou se o facão estava no lugar.
 - Ganhamos! Te falei, Fontoura! Ganhamos no voto e no pau.
 Fontoura Prado esperava por esse momento a semanas.
 - Não, borgista: eu te falei! Vocês roubariam mais uma eleição. Dito e feito. Vocês são uns ladrões filhos da puta!
 Antes que os três homens se recuperassem da frase, Fontourinha deu de mão na arma, pulou o balcão e distribuiu pranchaços a torto e a direito. João Fortes não se intimidou. Puxou da adaga e enfrentou o assisista.
 - Meu pai degolava maragato em 93. Chegou a hora de igualar sua glória - disse Fortes, com os dentes cerrados.
 Fontourinha respondeu no mesmo tom:
 - Jamais um prado morreu nas mãos de covardes chimangos. Não serei eu que envergonharei o nome de minha família.
 A coragem de Fontoura Prado não tinha cuidados. Por não ver os riscos, não se preocupava com eles. E, como a morte quase sempre sai humilhada por quem a ignora, Fontoura Prado chegou antes à garganta de seu oponente, num golpe certeiro, transversal, no lado esquerdo do pescoço, num talho fundo, mas não mortal. O sangue esguichou longe. (STIEHL, 2003, p. 243)

Esta briga teria ainda um desfecho no final da narrativa. João Fortes teve suas cordas vocais comprometidas e, por isso, dali em diante recebera o apelido de João Ansiado, porque assim parecia quando tentava falar alguma coisa. O conflito final do livro, que aconteceu na casa da personagem de Gustavo Biehl, permitiu que Fontourinha e João Ansiado estivessem novamente frente a frente. Naquele momento, quem ganhava eram os republicanos e foi então que João Ansiado pôde matar seu rival.

Ainda sobre este conflito, Lilian Schwarcz e Heloísa Starling escrevem que

A revolução federalista resultou numa sangrenta guerra civil que começou em 1893, só terminou em 1895 e contrapôs o Partido Republicano Rio-Grandense, favorável à ditadura republicana dos positivistas gaúchos, ao Partido Federalista, defensor da Constituição de 1891, da autonomia municipal e do governo federal com poder centralizado. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 321)

No início do século XX, o governo do Rio Grande do Sul temia o perigo alemão³, perigo este que era referente aos alemães republicanos do Rio Grande do Sul. Em 1903, após constatação de que a imigração alemã no Brasil estava diminuindo, apesar de no Rio Grande do Sul oferecer condições propícias, o diretor da colonização escreve em seu relatório o seguinte, conforme Jean Roche:

É certo que se deve esse resultado à solicitude do governo, que proporciona a esses verdadeiros desterrados um bem-estar que nunca tiveram. Mas convém não esquecer que a mentalidade desses homens não é a mais própria a secundar nossos princípios morais, cuja preeminência é essencial. Desse modo, para triunfar com facilidade relativa sobre essa mentalidade, faz-se necessário que o número dos novos elementos estrangeiros no estado do Rio Grande do Sul não seja demasiadamente elevado. Pouco importa que a falta de braços tenha ligeiramente retardado o nosso progresso material; as vantagens futuras compensarão esse atraso, que, na realidade, é apenas sensível. (ROCHE, 2022, p. 653)

A Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918) é também um conflito importante a ser mencionado aqui porque será tema em *Bárbaros no Paraíso*. Apesar de o Brasil não ter tido participação no conflito, rompeu relações diplomáticas com a Alemanha em abril de 1917 após o torpedeamento do navio brasileiro Paraná⁴. Em outubro de 1917 as autoridades brasileiras declararam guerra à Alemanha após o torpedeamento do vapor Macau. Os colonos alemães que viviam no Rio Grande do Sul também tomaram posicionamento. Na obra de Pedro Stiehl, personagens como Germano Wanderer e Gustavo Biehl vão apoiar o imperador da Alemanha Guilherme II.

Ainda segundo Roche (2022, p. 656), depois do fim da Segunda Guerra Mundial, “o desmoronamento do Império Alemão em 1918 pareceu pôr fim ao pangermanismo, turvou a imagem da antiga pátria que os colonos teuto-rio-grandenses haviam criado para si e afastou alguns deles do culto que lhe prestavam.”

³ Termo cunhado por René Gertz em seu livro **O perigo alemão**.

⁴ ROCHE, Jean. 2022, p. 654.

3. Josué Guimarães e Pedro Stiehl contam a história da imigração alemã no RS

3.1 O romance como forma literária de contar a história da imigração alemã

As duas obras literárias selecionadas para o projeto de pesquisa que resulta nesta dissertação de mestrado têm como temática a questão da imigração alemã no sul do Brasil. São considerados romances históricos por trazerem em suas narrativas muitos fatos e personagens que existiram na vida real, mas com suas histórias narradas posteriormente aos acontecimentos. Ambos os livros são produzidos por escritores que nasceram e viveram a maior parte da vida do Rio Grande do Sul.

Os dois livros foram escolhidos primeiramente porque ambos já faziam parte do acervo do projeto de pesquisa ECALB e porque me instigava, principalmente, o envolvimento - voluntário ou não - das personagens alemãs nos conflitos políticos brasileiros. Considerando que o tempo histórico dentro das narrativas tem quase um século de distância entre si e que, também por isso, as questões políticas são diferentes, considereei a análise destas obras pertinentes, especialmente no tocante ao sujeito alemão que chega em 1824 ao Brasil sem falar português e o descendente de imigrante que está tentando ocupar o seu espaço em 1914.

Para Hegel, a Literatura precisa passar por uma entidade individual para representar um coletivo, ou seja, é a ideia da totalidade de uma nação. Porém, nessa ideia não estão inclusas todas as classes sociais, as raças, os gêneros⁵. Trago aqui a questão da importância do autor para afirmar que as duas obras analisadas nesta dissertação são escritas por autores que viveram toda a sua vida ou a maior parte dela no estado onde as narrativas de suas obras aconteceram. Neste sentido, não se pode ignorar que a experiência individual de Josué Guimarães e de Pedro Stiehl presumivelmente influenciaram a sua escrita sobre um coletivo. Houve, também por isso, um recorte na exposição de tipos de sujeitos nas obras.

Sobre a questão do romance, Hegel define-o como uma epopéia burguesa moderna, isto é, para ele o romance é uma epopeia ruim. Hegel olha para a Grécia e enxerga uma totalidade. Tudo já estava lá, é a origem e é fechada em uma totalidade. Tudo o que vem depois é incompleto. Porém, se pensarmos sob a ótica do romance, a épica seria incompatível com o estado moderno.

⁵ Ver em Hegel, *Estética*, edição de 1993.

Georg Lukács é mais um dos teóricos que iluminam os pensamentos na análise aqui proposta. Em *A teoria do romance* Lukács afirma que o tempo da epopeia é onde não há cisão entre o eu e o mundo, entre o homem e a natureza. A epopeia está preocupada sobretudo com a grandeza e com a plenitude: “toda a ação é somente um traje bem-talhado da alma” (LUKÁCS, 2000, p. 26). Em outro caminho à epopeia, “o romance é uma expressão do desabrigo transcendental” (LUKÁCS, 2000, p. 38), ou seja, no romance há uma unidade, o ser é corrompido. É também Lukács quem traz luz para a questão da historicidade do romance.

Como pensar o romance pela ótica da historicidade? A historicidade coloca a Literatura no campo do materialismo. É preciso ter uma distância histórica, ou seja, o analista literário não pode nem se colocar no tempo histórico da escrita da obra e nem sair do seu tempo para analisá-la.

Mikhail Bakhtin, crítico literário russo, afirmou que o romance é um gênero literário ainda em formação, ou seja, diferentemente de todos os outros, principalmente o gênero épico com o qual ele é bastante comparado, o romance é um gênero não acabado.

Enquanto nos grandes tratados poéticos os gêneros literários formam um conjunto, o romance é tratado como um gênero à parte. Todavia, os gêneros literários “romantizaram-se”, isto é, principalmente a característica do inacabamento do romance foi compreendida também por outros gêneros.

Tratar do momento presente é tratar do incompleto. Os gêneros literários transpõem a realidade inacabada também para si. Nas palavras de Bakhtin (2019, p. 71), o romance “é quem melhor expressa as tendências da formação de um novo mundo, pois é o único gênero concebido por esse mundo e em tudo consanguíneo a ele.”

O gênero romance deve o seu surgimento para aquilo que Bakhtin (2019, p. 88) conceitua como “sério-cômico”. Explicando melhor, devido ao fato de o gênero épico ser fechado, acabado, sem margem para interpretação de sua realidade visto que está afastado no passado, as paródias começaram a surgir como uma “atualização” das epopeias. As paródias rebaixavam, traziam para o plano presente os feitos heróicos, o que lhes dava outra roupagem. Os gêneros paródicos que se encaixavam em “sério-cômicos” deram início ao que mais tarde veio a se tornar o gênero romance.

Para Bakhtin, o que difere primeiramente o gênero romance do gênero épico é a realidade contemporânea. Como mencionado anteriormente, a característica de “sério-cômico” é o que permite num primeiro momento a conceituação de gênero romance. E é pelo cômico que o distanciamento é quebrado. Bakhtin (2019, p. 90) esclarece que essa característica “é precisamente o que destrói a distância épica e em geral toda a distância hierárquica”. São as primeiras manifestações do que viria mais tarde a ser o que conhecemos por gênero romance que trazem o texto para o presente, o qual “começa a sentir-se *mais próximo do futuro do que do passado*”. Assim, o passado fechado da epopeia está mais distante da realidade contemporânea do que uma projeção do futuro.

O romance, na teoria de Bakhtin, está ancorado na tripla relação de autor, leitor e o mundo representado em forma de texto. Esses três elementos estão no mesmo plano axiológico-temporal, ou seja, o campo da representação está acessível, diferentemente do que acontece no gênero épico.

Sobre o papel do autor no gênero romance, Bakhtin (2019, p. 95) afirma que

Ele pode aparecer no campo da representação assumindo qualquer postura autoral, pode representar os momentos reais de sua vida ou fazer alusões a eles, pode intrometer-se na conversa das personagens, pode polemizar abertamente com seus inimigos literários, etc.

Bem diferente da epopeia, a qual lida com um passado fechado e glorioso, “o romance entra em contato com o elemento do presente inacabado, e esse elemento não o deixa enrijecer” (Bakhtin, 2019, p.95), ou seja, o romance permite uma aproximação do leitor e do escritor com o objeto de uma forma que a epopeia não permitia.

O romance relaciona-se com o passado, com o presente e com o futuro, todavia a marca do romance é a sua ligação com o futuro e não com o passado. O futuro permite a inconclusibilidade, o processo inacabado. E é pelo inacabado interno, ou seja, do enredo que há “uma forte intensificação das exigências de acabamento e arremate externos e formais, particularmente do enredo” (Bakhtin, 2019, p. 99).

Quando lemos as duas obras aqui analisadas, uma pergunta possível é: como colocar a realidade dentro do romance? Os dois autores tentam alcançar o êxito, transpõem ao universo da imaginação de forma abrangente um universo histórico que viria a ser decisivo ao que se tem nos dias de hoje no Brasil.

Para Bakhtin, o romance é escrito por gente comum, em linguagem comum e para pessoas comuns. De certa forma pode-se afirmar que *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão e Bárbaros no Paraíso* são romances que se encaixam nessa descrição.

O romance é um gênero literário que teve, no Brasil, seu melhor representante em Machado de Assis. No Rio Grande do Sul, o primeiro romance foi escrito por Caldre Fião. *A divina pastora* é considerado um romance regionalista, e isso se deve ao fato de trazer vinculado em sua narrativa o meio social. O romance de Caldre e Fião traz uma característica muito interessante para a temática do presente estudo, uma vez que em *A divina pastora* o leitor brasileiro é confrontado pela primeira vez com uma família alemã. A obra publicada em 1848 é de grande relevância para os estudos em torno do imigração alemã no Brasil. As duas obras analisadas nesta dissertação são romances publicados muito tempo depois, mas os seus autores certamente tinham conhecimento da obra de Caldre e Fião.

As questões históricas referentes às primeiras levas de imigrantes alemães estão bem retratadas em *A Ferro e Fogo: I. Tempos de Solidão* de Josué Guimarães. Para Aquino (2007, p. 264), os dois volumes de *A Ferro e Fogo* são “O” romance sobre o tema da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Em *A Ferro e Fogo: I Tempo de Solidão*, eventos históricos brasileiros perpassam os alemães recém chegados. Aquino (2007) menciona que são eventos como “a morte da imperatriz dona Leopoldina, a abdicação de dom Pedro I, a formação da regência provisória que governou o país logo depois da abdicação, a proclamação da maioria de dom Pedro II.”

Do mesmo modo, o resultado da imigração alemã no Rio Grande do Sul e o envolvimento dos imigrantes e seus descendentes nas questões políticas, principalmente, estão retratados em outras obras literárias de autores gaúchos.

Nos anos de pesquisa dentro do projeto ECALB, tomamos conhecimento do livro *Bárbaros no Paraíso*, de Pedro Stiehl. Ao passo em que Josué Guimarães escrevia sobre os acontecimentos a partir do ano de 1824, Pedro Stiehl trazia um pano de fundo histórico de noventa anos depois. Não mais se falava sobre a Guerra da Cisplatina. Agora o conflito político era entre federalistas e republicanos, passando pela Primeira Guerra Mundial que acontecia na Europa, mas que envolvia, de alguma forma, os descendentes alemães no sul do Brasil. Mesmo existindo uma diferença temporal entre as obras aqui em questão, alguns aspectos presentes na estruturação da sociedade imigrante alemã no Brasil continuavam

muito presentes nas duas obras, principalmente no que dizia respeito à cultura dos imigrantes ou descendentes de imigrantes alemães.

3.2 *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão e Bárbaros no Paraíso*

Na tese de doutorado de Aquino (2007), a autora procurou analisar algumas obras que foram escritas até 1974, ano em que é lançado o segundo tomo de *A Ferro e Fogo*. Segundo ela, o ano em que *A Ferro e Fogo: II Tempo de Guerra* é publicado é o marco final de um tempo que precede o que ela chama de “presente”, que é quando começam a ser publicadas obras que já colocam os descendentes de imigrantes alemães da seguinte forma:

O sujeito histórico de origem alemã já passou por um longo processo de assimilação e é, hoje, um dos agentes principais da forma de ser rio-grandense; por isso, sua imagem circula no imaginário popular, e até mesmo entre as instâncias políticas e econômicas, como mais um gaúcho a figurar como comerciante, industrial, colono, sem-terra. Assim, pouco é notado o seu pertencimento a uma etnia que não seja a luso-brasileira. (AQUINO, 2007, p. 25)

O trecho acima é importante neste trabalho para mostrar que as duas obras analisadas estão antes deste tempo, apesar de *Bárbaros no Paraíso* estar no tempo presente de Aquino em se tratando de publicação. Em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, o imigrante alemão vem com a esperança de uma nova vida e se depara com um universo completamente novo, onde em diversos sentidos precisa sobreviver; em *Bárbaros no Paraíso*, a história se passa no começo do século XX. O colono de origem alemã ainda é diferenciado dos demais brasileiros e não é, até este momento, mais um gaúcho que forma a diversidade do estado que temos nos dias atuais.

O imigrante alemão e/ou o seu descendente vivendo no Brasil é diferenciado primeiramente pela língua. Mesmo hoje, muitos ainda falam dialetos alemães e, se falam português, têm um sotaque bastante característico. Apesar do desenvolvimento pelo qual o Brasil passou desde a chegada dos primeiros imigrantes, ainda hoje muitos descendentes de alemães seguem no trabalho no campo e, comumente à esta questão é que são associados à palavra *colono*. Outro fator são as características físicas. Embora tenham a mesma cor de pele dos portugueses e dos imigrantes italianos, por exemplo, geralmente são pessoas de estatura alta, magros e retos, com olhos claros e de cabelos loiros.

O tempo histórico da narrativa de *Bárbaros no Paraíso* vai até 1923. Logo depois disso, em 1930, Getúlio Vargas tomaria o poder e implantaria a política de proibição do uso da língua alemã como método de nacionalizar o Brasil e eliminar o que ainda tivesse de estrangeiro no país. Somado à política de Vargas, havia o nazismo em ascensão e esse fator colaborou mais ainda para que a cultura alemã no Brasil, principalmente no sul, fosse reduzida a sua quase totalidade.

A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão é um livro escrito por Josué Guimarães, seu primeiro romance, e lançado no Brasil pela primeira vez em 1982. O livro teve várias reedições posteriores e já foi leitura obrigatória do vestibular da UFRGS. É um livro dividido em dezesseis partes. Dentro de cada parte, há alguns capítulos, sendo 83 no total do livro.

Josué Guimarães tinha a pretensão de escrever uma trilogia. Dois romances foram possíveis: *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* e *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Guerra*. O terceiro contaria a história do movimento dos *Mucker*, mas Guimarães faleceu antes de conseguir completar a trilogia. Conforme Aquino,

A julgar pela temática, podemos considerar que a empreitada interrompida de Josué Guimarães seria retomada mais tarde por Luiz Antonio de Assis Brasil em *Videiras de cristal* (1990), seu romance sobre os *Mucker*, resultado de muita pesquisa histórica, o que confere à narrativa uma clara característica de romance documental. Apesar de ser outro autor, a representação da imigração alemã pensada para os três volumes de *A ferro e fogo* assim se completa. (AQUINO, 2007, p. 262)

Nesta obra, Josué aborda a questão da imigração alemã em seus primeiros anos no Rio Grande do Sul. A maior parte da narrativa acontece a partir do ano de 1825, mas os protagonistas Catarina, Daniel e o filho Philipp chegam na primeira leva de imigrantes no sul do país. Catarina Schneider e sua família vieram da cidade de Salzwedel no bergantim *Protetor*. Daniel tinha em 1825 vinte e sete anos de idade.

Outro protagonista do livro de Josué Guimarães é o major Gründling. É ele quem faz e fecha negócios com os imigrantes que são instalados na linha Feitoria, em São Leopoldo. Seu melhor amigo é o major Schaeffer, o qual é responsável por angariar os alemães na Europa e trazê-los de navio até o Brasil, onde Gründling se encarrega do resto. Gründling também se destaca na narrativa porque resgata uma imigrante alemã menor de idade e, mais adiante na narrativa, faz dela sua esposa. Esta personagem é Sofia, a qual é abandonada em uma rua em São Leopoldo e passa a ficar sob os cuidados de Gründling.

Catarina e Daniel já estão a cerca de dois meses esperando pelas promessas feitas pelo governo brasileiro de receberem terras, sementes e ferramentas. É então que são convencidos por Gründling a passarem um tempo na região de fronteira com o Uruguai, onde serão receptores de mercadorias vindas da banda oriental. Aceitando a proposta, eles recebem carroças, juntas de bois, muitos mantimentos e moedas, além de um índio, um casal de negros e mais dois negros solteiros escravizados. Depois de muita reflexão, Catarina toma a frente e aceita pela família a proposta; em uma madrugada, colocam as carroças na estrada e vão até a região do Chuí. O nome da cidade onde eles ficarão por alguns anos não aparece claramente na obra, mas depois de algumas páginas o leitor é informado de se tratar do Chuí.

Uma vez instalados na nova moradia e com os primeiros mantimentos recebidos, todos sentem que ali pode se formar uma nova vida com prosperidade. Há esperança, há pensamentos no futuro, há um alívio grande depois de toda a apreensão com a decisão tomada ainda em São Leopoldo. O que mais motivou os pensamentos positivos foram as sacas de farinha branca, a construção de um forno de barro, a produção dos primeiros pães brancos e as lembranças que isso trazia da antiga pátria. Era possível ter ali uma vida da qual se orgulhar.

O trabalho será sempre o norteador da família Schneider, mas principalmente da personagem Catarina. O que a motiva a seguir a vida na estância no Chuí, apesar de todas as questões que envolvem a Guerra Cisplatina (e que serão melhor explanadas neste trabalho no capítulo sobre política) é o fruto do trabalho que ela colhe aos poucos; no mesmo sentido, a motivação para recomeçar a vida em São Leopoldo depois do regresso do Chuí é o empenho no trabalho. Ao longo de todo o livro, os Schneider exercerão os três tipos de trabalho mais comuns entre os primeiros anos da imigração alemã no sul do país: a agricultura, o artesanato e o comércio.

Ainda sobre a questão do trabalho, fica bastante claro que Josué Guimarães procura exaltar a característica de trabalhador que até os dias de hoje é muito associada aos alemães e seus descendentes. O mito do trabalho alemão consiste em acreditar que esta etnia possui habilidades de trabalho que envolvem disciplina e dedicação e que os destacariam das demais etnias que vivem nesta região.

O capítulo cinco da segunda parte é determinante para todo o resto da narrativa: soldados castelhanos, ainda no cantar dos galos, chegam até onde estão a família Schneider, Juanito e os negros. É neste momento que Daniel se esconde no poço do qual nunca mais vai

conseguir sair. Sair do poço no sentido concreto em primeiro lugar, pois ele passa muito tempo no poço, devido à constante presença de soldados na área de terras dos Schneider; e de forma, subjetiva, posteriormente, porque, mesmo depois de livres dos perigos e já de volta a São Leopoldo, Daniel carrega em si a presença e a necessidade de viver com e no poço.

Na primeira noite em que os soldados acampam nas redondezas da propriedade dos Schneider, Catarina é estuprada por um deles. O ato de violência acontece ao lado do poço onde Daniel está escondido. A forma como a cena é descrita é peculiar, aludindo ao mar, possivelmente lembranças da vinda de navio ao Brasil. Além disso, alguns animais são colocados no lugar das personagens, fazendo parecer que aquela cena selvagem não poderia estar acontecendo entre seres humanos.

As ondas do mar, a branca espuma subindo e se desfazendo no meio das estrelas, estamos naufragando, Daniel Abrahão, onde está o capitão do barco, onde estão as crianças, pelo amor de Deus as crianças. A água salgada entrando boca abaixo, uma lâmina de ferro lhe rasgando as carnes, um tigre bufando sobre o corpo que morria. Um estalido, um pio de ave, a multidão de sapos que voltava a coaxar, a fera desaparecera assustada, quem sabe, pelo enorme silêncio que agora caía do céu, como garoa. (GUIMARÃES, 1991, p. 39)

Na terceira parte do livro, novos soldados, agora brasileiros, chegam até a casa dos Schneider e a pergunta que o oficial faz à Catarina é “se ali não morava um alemão fugido da colônia de São Leopoldo e que traficava com armas para os castelhanos.” (p.44) Catarina não entende português e o índio Juanito explica com gestos que ele teria sido preso pelos castelhanos e levado embora.

A representação dos grupos étnicos que estão na narrativa é dada de uma forma muito inferior em relação à representação dos alemães. No capítulo cinco da segunda parte uma das mulheres negras engravida e a expressão utilizada é a de que “uma das escravas ficara prenhe” (p.32), expressão esta que é comumente usada para animais. Além disso, os negros escravizados que são dados por Gründling a Daniel e à Catarina não são nomeados, nem suas vozes aparecem, diferentemente do índio Juanito, por exemplo. Apenas no capítulo sete da quarta parte saberemos que uma das escravas se chama Manoela. Catarina dava à luz ao terceiro filho e Manoela ao segundo, e é neste momento da narrativa que ela recebe um nome. Possivelmente a maternidade paralela tenha possibilitado uma certa humanização aos escravizados, mas somente ali.

Apesar da boa relação dos Schneider com Juanito, as relações de imigrantes alemães com indígenas era bastante hostil. Quando os homens vão para a Guerra da Cisplatina, as mulheres são orientadas a se defenderem contra os bugres - nomenclatura pejorativa dada aos indígenas que, segundo os brancos, não são catequizados e por isso selvagens -, atirando pelos buracos das paredes da casa, se necessário.

O major Jorge Antônio Schaeffer era o responsável por selecionar e trazer os imigrantes da Alemanha, em consonância com a política de branqueamento vigente no Brasil. Na quarta parte de *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* há um diálogo importante entre Hillebrand e o pastor Pedro Stilenbauer. Este está preocupado com o destino dos colonos, visto que não receberam ainda as diárias prometidas pelo governo e que andam por aí como mendigos e a beber todos os dias. Hillebrand comenta que

Schaeffer arrebanhara aquela gente nas ruas e bares de Hamburgo, Bremen e Darmstadt [...] Qualquer pessoa de bom senso veria que tais coisas não dariam certo, trazer assim sem mais nem menos gente saturada dos grandes aglomerados humanos da Europa, de repente jogada naqueles descampados, matos e rios, paredões de serra, bugres atacando na calada da noite. (GUIMARÃES, 1991, p.57)

O capítulo seguinte começa com as reformas que estão sendo feitas na casa de Gründling em Porto Alegre. Schaeffer manda muitos presentes da Europa para a casa do amigo. É interessante a continuidade que Josué Guimarães dá em alguns momentos da narrativa, como neste caso. Enquanto os imigrantes estão insatisfeitos com os fatos, Gründling vive boa vida e Schaeffer recebe barras de ouro da imperatriz Leopoldina.

A alternância de capítulos sobre Gründling e sobre a família Schneider acontece novamente entre os capítulos quatro e cinco da quarta parte. No capítulo quatro, Gründling está em sua casa com o inspetor geral de imigração, a cafetina Izabela e algumas prostitutas, os homens bebendo e comemorando o nascimento do filho do imperador Dom Pedro I. No capítulo seguinte, Daniel sai do poço pela primeira vez em muito tempo, sem conseguir andar sozinho, precisa da ajuda dos negros escravizados. Janta com a família, reconhece a filha Carlota que já está crescida e volta para dormir no poço.

A partir do dia descrito no parágrafo anterior, Daniel passa a sair mais do poço, vivendo boa parte do dia do lado de fora. Um certo dia, recebem a visita solitária de um alemão vindo da Argentina, Daniel sempre se escondendo no poço ao menor movimento de estranhos. Este alemão traz a notícia da morte de Harwerther, um amigo da família que veio

no mesmo navio, o qual teria sido degolado. Mais tarde, um grupo de soldados brasileiros aparece e entre eles há um alemão, Valentim Oestereich, um dos que foi obrigado por Hillebrand a se juntar aos trinta e sete voluntários alemães. Ao descobrir que Daniel é marido “fugido” de Catarina, Hillebrand comenta que há uma ordem de prisão em Porto Alegre para Daniel, e que Mayer havia espalhado que Daniel contrabandeava armas brasileiras para os castelhanos.

Daniel não conseguia acreditar que o amigo Mayer teria contado tamanha mentira, só conseguia pensar em Gründling fazendo isso para escapar das promessas feitas. Naquela noite, ao dormir, Daniel sonhou com a batalha de Waterloo. No lugar de Napoleão via Gründling, e no chão via seu pai morrendo depois de ter sido ferido em batalha.

Na parte dois do capítulo seis a narrativa está acontecendo no mês de abril de 1825, momento histórico bastante importante em que ocorreu a união do coronel Rivera e de Lavalleja. É neste momento da narrativa que mais uma tropa de castelhanos invade a fazenda dos Schneider. Antes da invasão, Catarina organiza o poço e manda que todos fiquem dentro dele, somente ela e Juanito do lado de fora. Os castelhanos não tentam nada com Catarina e Juanito, apenas fazem ameaças de que voltarão e roubam alimentos.

Em abril os castelhanos resolveram atacar pelo sul. Dez mil homens reunidos na vila de Melo, departamento de Cerro Largo. Parte dos homens recebeu a missão de ocupar lugares estratégicos visando a impedir qualquer agressão das tropas uruguaias isoladas em Montevideu e Colônia, dois pontos de resistência à ambição do general Lavalleja que se mantinha a serviço da bandeira de Buenos Aires.

[...]

Buscando algumas rezas extraviadas, Juanito viu a concentração de tropas, fez sinal para os dois escravos que o acompanhavam e voltaram a galope desenfreado para a casa dos Schneider. (GUIMARÃES, 1991, p. 85)

Todavia, depois dali os castelhanos destroem a estância de Medanos-Chico, matam o seu dono José Mariano e estupram a índia Ceji pela qual Juanito está apaixonado.

Juanito pensa na chininha da estância Medanos-Chico e sente o coração disparando no peito. [...] O mau pressentimento que tivera começa a ganhar corpo quando enxerga no horizonte uma espiral de fumaça negra, tocada de leve pela brisa noroeste. É na Medanos-Chico; a fumaça sobe do meio do pomar, cobre a casa do velho José Mariano. Quando apeou, viu que os castelhanos haviam arrasado tudo, a casa central em chamas, galpões já em cinzas. Afinal vê o que não queria, José Mariano atirado sobre um canteiro, a roupa em frangalhos, o pescoço cortado de orelha a orelha. [...] Ouviu um som, alguma coisa por perto. Estaca, corpo atilado e tenso. Agora mais nítido, um ai, um queixume. Corre direto, guiado pelo instinto. Ceji de braços, seminua, o rosto enfiado nas macegas. Vira-lhe o corpo, com cuidado, mãos de seda, o rosto batido, machucado, o sangue ainda vermelho e vivo na saia rota. (GUIMARÃES, 1991, p. 87-88)

A estância de Medanos-Chico foi o primeiro e único lugar onde os Schneider pararam quando saíram de São Leopoldo rumo ao Chuí. Foram bem recebidos, apesar dos entraves linguísticos.

A última parte do capítulo cinco é totalmente dedicada a Sofia, a alemã menor de idade resgatada por Gründling. A menina vive em Porto Alegre e realiza seu primeiro passeio pela cidade. Mariana, a negra escravizada que trabalha para Gründling, leva Sofia para conhecer a igreja Nossa Senhora do Rosário, igreja esta que segundo Mariana foi “levantada e mantida pelos pretos” (p. 91). À noite, durante o jantar, Sofia conta, encantada, do passeio que fizera durante o dia. Gründling o desaprova, repreendendo Mariana duramente para que isso jamais se repita.

Ainda durante o jantar, Gründling faz perguntas sobre os pais de Sofia, bem como sobre os diversos homens que a capturaram. Sofia fica desconfortável e Gründling diz que ela não precisa contar nada e que isso deve mesmo ficar no passado. Naquela noite ele vai até o bordel de Izabela. Lá ele ouve o velho pianista Jacob tocando uma música de Beethoven e a compara com Sofia. Gründling bebe muito e pede por uma das meninas de Izabela. Enquanto está com Cholita, a prostituta, delira pensando que está com Sofia. O comentário final de Cholita para Izabela é que Gründling estivera deveras delicado.

A parte sete começa trazendo Daniel em sua toca cada vez mais aperfeiçoada.

Numa fuma onde quase não conseguia sentar-se, ganhava uma sensação de segurança que lhe escapava quando sobre a terra. O horizonte livre e infinito representava para ele um constante perigo. O céu aberto, as nuvens e o próprio vento, podia ser uma leve brisa, passaram a ser a permanente ameaça. A amplidão era a sua verdadeira cadeia. Liberdade para Schneider, devia ter, para ser completa, uma tampa rústica de tábuas; sobre ela, ainda, pedras e lenha. (GUIMARÃES, 1991, p. 96)

Catarina começa a se questionar se o marido não estaria enlouquecendo. Mesmo depois de dias sem nenhum avistamento de tropas, Daniel seguia se recusando a sair do poço. Já não queria mais estar a sós com Catarina dentro de casa, na cama, mas fazia com que ela descesse até o poço para ficarem juntos. Os filhos o reconheciam como o estranho de barba e cabelos compridos e tinham medo. Daniel lia muito a bíblia e recitava trechos a Catarina, entendendo que a única salvação seria no reino dos céus. Além da guerra, a questão da fronteira também era o motivo do enlouquecimento de Daniel.

No capítulo dois da parte sete, Sofia ganha um anel de Gründling, encomendado a Schaeffer da Alemanha. O anel tem uma história antiga, nele mulheres conseguiam guardar veneno e o tomavam, caso fossem violentadas. Nesta noite, Sofia bebe rum junto com Gründling e fica completamente bêbada. Gründling se sente na obrigação de levá-la até a cama e tirar o vestido para colocar a camisola. Neste momento Sofia já está dormindo e Gründling se aproveita da situação para beijar o corpo dela.

Na noite em que é anunciado que a Guerra da Cisplatina havia chegado ao fim, Sofia se entrega a Gründling e os dois ficam por quatro dias fechados no quarto. Depois disso, Gründling vai até São Leopoldo para cuidar de seus negócios. Está enfurecido pelos saques, pelos negócios que despencavam e pelo caos instalado depois do fim da Guerra.

Ladrões fardados, ladrões de chiripá. O primeiro a tocar num saco de farinha leva um tiro no bucho, não vai ter tempo de comer o pão. Ladrões. Eles pensam que nós estamos aqui para trabalhar de graça. Claro, os heróis de Bagé, os heróis do saque. Os valentes guerreiros do Passo do Rosário, os bravos marinheiros de Monte Santiago. Pois não ofereço a eles uma garrafa de cachaça, um naco de charque. Olhem aqui o machado, peguem no cabo da enxada e façam o que nós fazemos, nós os alemães.” (GUIMARÃES, 1991, p.105)

É interessante observar a ironia em vários momentos quando consideramos as falas e a postura de Gründling ao saber do que acontece, por exemplo, com a família Schneider. Em episódios diferentes da narrativa, alguns personagens lembram de Gründling, como se tudo de ruim que aconteceu e que ainda acontecia estava entrelaçado a ele. Catarina é a personagem que mais lembra dele, nos momentos de maior angústia.

No capítulo quatro da sétima parte, Catarina fica sabendo através de Valentim Oesterreich, com dois meses de atraso, que a Guerra Cisplatina chegou ao fim. Catarina conta a ele toda a história do marido Daniel e decide que não quer mais viver naquelas terras, que arrendará as mesmas a Oesterreich e que este dê um jeito de limpar o nome de Daniel na Província. Oesterreich acha a proposta ótima e o negócio é fechado. Todavia, naquele momento da visita de Oesterreich, mesmo Daniel saindo do poço e se apresentando para Valentim, o marido de Catarina resolve voltar para a sua toca segura. Daniel acredita que Catarina estaria entregando-o e que Oesterreich mentia. Este é mais um momento na narrativa em que é possível enxergar a loucura que a guerra trouxe à cabeça de Daniel.

No capítulo seis da sétima parte Sofia é apresentada grávida, já com 5 ou 6 meses de gestação. Gründling manda chamar um padre de São Leopoldo, quer casar em dois dias e, para tanto, suborna o clérigo, prometendo a construção de uma nova capela.

O primeiro capítulo da parte oito trata do regresso da família Schneider a São Leopoldo. Novamente, tudo é organizado e comandado por Catarina. Este é um capítulo bastante sensível, traz um misto de sentimentos, lembranças do que a família Schneider passou, dos acontecimentos tanto ali quanto nos arredores e do que seria deixado para trás a fim de recomeçar a vida em São Leopoldo.

Juanito e Ceji casaram-se na paróquia de Santa Vitória e passaram a ter o sobrenome Schneider, pois segundo Catarina “era preciso um sobrenome cristão” (p.115). O casal também acompanharia Catarina e a família e viveriam em São Leopoldo. Catarina havia considerado deixá-los cuidando da Estância Medanos-Chico, a qual estava abandonada desde o massacre. Porém, receosa de que alguém pudesse reivindicá-la no futuro, achou melhor que o casal os acompanhassem.

Oesterreich havia feito tudo como prometido. Antes de partir, Catarina percorreu alguns lugares emblemáticos, como onde foi estuprada pela primeira vez. Também olhava com pesar para tudo o que tinha plantado e que começava a dar frutos. De madrugada ainda, a família Schneider se pôs na estrada.

No capítulo do casamento de Gründling e Sofia (capítulo dois da oitava parte), antes da cerimônia ter início, há uma conversa sobre possíveis descontentamentos e conspirações que alguns colonos estariam planejando pela questão do atraso dos pagamentos. Gründling se mostra incrédulo que algo assim poderia estar acontecendo.

Há ainda outra questão interessante que acontece durante a cerimônia: o padre Antônio fazendo o seguinte discurso:

- A igreja concede dispensa a casamentos entre católico e não católico, desde que haja para isso razões justas - novamente olhou para todos - desde que a parte não católica prometa evitar qualquer perigo para a fé católica, prometendo ambas as partes batizar seus filhos segundo os rituais da Santa Madre Igreja. (GUIMARÃES, 1991, p. 121)

Na festa há fartura de comida e de bebidas. Os vinhos oferecidos vêm diretamente da região do Reno, na Alemanha. Neste momento, Gründling debocha dos vinhos vindos de Rio

Grande, que os mesmos seriam um tipo de vinagre e que apenas os vinhos alemães seriam dignos de degustação.

O tempo todo da narrativa há fartura e luxos para Gründling e para quem está com ele. Josué Guimarães por diversas vezes intercala os capítulos entre Gründling e sua ostentação e a família Schneider passando por situações de violência e de privação. Nos dois últimos capítulos da oitava parte isso acontece novamente. Logo após o capítulo do casamento de Sofia e Gründling vem o capítulo da chegada da família Schneider a São Leopoldo. A casa bastante precária, cheia de capim no entorno e a horta toda morta, sem nem ter um colchão para poderem passar a primeira noite.

No capítulo dois da parte nove, Catarina quer abrir mais um comércio, agora em Portão. Enquanto isso, Daniel está cada vez mais estranho, tendo sonhos toda semana com os amigos que morreram na Guerra, Mayer e Harwerther. A bíblia está ao seu lado em todos os momentos e ele cita trechos a todo momento. Enquanto Catarina está com os pés no chão e fazendo a vida acontecer e ir adiante, Daniel parece viver em um universo paralelo.

Na parte dez do livro, Gründling vai ao Rio de Janeiro, no intuito de convencer o imperador Dom Pedro I a pagar os atrasos aos imigrantes e cumprir as promessas da imperatriz Leopoldina. No barco em que a viagem é realizada, Gründling tem uma boa cabine apenas para si, além de rum e champanha da melhor qualidade. O barco é descrito como pequeno, e o comandante dele, o Capitão Blecker, afirma que está levando “vinte tonéis de cachaça de Torres, preferida pelos botequins da Lapa e do Catete” (p.145). Somente na chegada do barco ao porto de Niterói é que ficamos sabendo que não era só cachaça que vinha no porão.

Gründling pisou terra firme desconfiado. Ninguém a esperá-lo. Schaeffer fora avisado do nome do barco, do dia de chegada e ninguém ali, nem mesmo um escravo. Foi quando o Capitão Blecker começou a desembarcar a sua carga não confessada, cerca de trinta escravos para serem vendidos na praça do Rio, onde os preços eram mais altos. Os negros desciam acorrentados, cegos pela luz do dia, a maioria de uma magreza impressionante, mal se sustentando nas pernas. (GUIMARÃES, 1991, p. 146)

É assombroso entender que, no mesmo veículo em que Gründling viajava no maior conforto que aquela embarcação poderia oferecer e desfrutando de bebidas alcoólicas, também se encontravam sujeitos em situação miserável, sofrendo toda a desgraça da possibilidade de nem chegarem vivos. Nesta parte da narrativa também fica claro o que foi o

objetivo de trazer imigrantes alemães ao sul do Brasil: os escravizados que ali viviam eram levados de volta ao Rio de Janeiro para darem espaço aos imigrantes alemães para que a região se desenvolvesse através de outro tipo de mão de obra.

Depois desta parte a vida de Gründling fica cada dia pior. Sofia adoece e a causa é desconhecida até a sua morte. Enquanto Sofia definha na cama, Gründling pensa que, se ela tivesse veneno em seu anel, talvez o usasse naquele momento. O livro termina com um fechamento inesperado: enquanto Catarina está chegando na frente da casa de Gründling decidida a vingar-se, ele sai de casa com o caixão de Sofia nos ombros. Fica surpreso e agradece pela vinda de Catarina ao enterro. Catarina, surpresa, acompanha o cortejo fúnebre.

* * *

Bárbaros no paraíso é um livro do escritor gaúcho Pedro Stiehl lançado em 2003 pela editora WS. Até o momento conta com edição única. Além deste romance, o autor lançou também contos, crônicas, poemas e uma novela infanto-juvenil, participando também de antologias. Pedro Stiehl vive na cidade de Montenegro, foi professor e funcionário da Caixa Econômica Federal.

Em *Bárbaros no Paraíso*, é importante esclarecer que, durante a apresentação e análise da obra, quando os termos *alemão* e *brasileiro* forem utilizados, se trata de uma nomenclatura que é utilizada na narrativa. Quase todos os personagens que aparecem na obra são descendentes de imigrantes alemães já nascidos no Brasil.

Em relação à questão do parágrafo anterior, configura-se até hoje, em cidades que foram colonizadas por imigrantes alemães, um sentimento de contínuo pertencimento à cultura alemã. É possível ouvir hoje ainda pessoas dizerem que são alemãs, mesmo que elas não tenham nascido na Alemanha e tampouco saibam quem da família veio de lá no passado. Esta é uma questão que fica bastante nítida em *Bárbaros no Paraíso*.

Sobre o livro de Pedro Stiehl, não será feita uma descrição como foi realizada acima sobre o livro de Josué Guimarães. Os motivos são simples: em *Bárbaros no Paraíso* a narrativa gira em torno das questões políticas e das questões que envolvem as mulheres. Esta análise será feita nos capítulos destinados a elas. Ainda assim, serão apresentados alguns

trechos que não são contemplados na análise dos capítulos quatro e cinco deste trabalho, mas que merecem ser mencionados devido a sua relevância em torno da temática.

A palavra “bárbaros” surge algumas vezes ao longo da obra. Quase sempre vem da boca de personagens brasileiras e está associada ora à religião, ora à origem europeia, como é possível ver nos dois trechos abaixo. Ambos são conversas entre Francisco Oblarte, um republicano convicto, e o delegado Leovegildo.

- Seu Chico, a Europa está ardendo.
- E nós aqui; importando as loucuras de seus bárbaros. (STIEHL, 2003, p.35)
- [...]
- É. Alguém tem que estar errado - concordou Leovegildo.
- E não pode ser o catolicismo. Nós resgatamos o cristianismo aos bárbaros e catequizamos o mundo. Nem civilização haveria sem a Santa Igreja e sua evangelização. E agora esta guerra. (STIEHL, 2003, p.37)

Em um evento do Grêmio Literário, uma associação criada pelos patriotas, o pai de Solon Flores, professor Antônio Flores, proferiu um discurso aos convidados. Nele, encontramos o seguinte trecho: “- E quem nos garante que os descendentes desses bárbaros, que vivem aqui e na Alemanha, não mantenham em seus corações um espírito tão ou mais sanguinário que os seus antepassados?” (STIEHL, 2003, p. 96)

No trecho que segue, surge novamente o termo “bárbaros” em uma fala de Germano, após vandalizações do *Gesellschaft Germanya*⁶ e da situação cada vez mais complicada dos colonos em São João do Monte Negro.

- Senhores, o problema não é a guerra na Europa. Não é o Brasil. Não é sequer a Alemanha. O que está nos afetando são forças que antecedem até a criação desses países. Somos novamente os bárbaros invadindo uma cultura e uma economia que estão assentadas num status que a nossa presença ameaça. (STIEHL, 2003, p. 115)

Em outro trecho, senhoras e senhoritas patriotas fazem comentários ao major Campos Netto, depois de pedirem para que o mesmo liberasse objetos alemães do *Gesellschaft Germanya* para que fossem queimados, após a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial. Novamente sobrevém o termo “bárbaro”. “O senhor bem sabe, são um povo bárbaro, sempre às portas da civilização para deturpá-la. Começaram a guerra. Não julgamos que mereçam qualquer consideração.” (STIEHL, 2003, p. 152)

⁶ Uma tradução possível para este nome seria “Sociedade germânica”. Tradução minha.

No capítulo quatro desta dissertação será analisada a relação dos descendentes de alemães no Brasil com os eventos políticos brasileiros. Da mesma forma que acontece no livro de Josué Guimarães, muitos colonos são envolvidos nos conflitos sem que a escolha seja deles. Já o que acontece na Alemanha é comemorado por algumas personagens de *Bárbaros no Paraíso*. Em um diálogo entre Antônio Flores, o professor patriota, pai de Solon Flores, e Germano Wanderer esta questão fica evidenciada.

- Senhor Flores, esta casa não é indiferente às vitórias de Guilherme II e von Hindenburg.

- Ah, então confessas, boche?

- Ora, somos de lá. Nossos ancestrais estão enterrados lá. Temos parentes na Alemanha. Ficamos felizes por eles. O mérito da guerra já é outra coisa. Não é uma guerra nossa. Somos brasileiros. (STIEHL, 2003, p. 37)

A relação das personagens alemãs com a Alemanha resulta em um sentimento de pertencimento ao país europeu, por mais que o vínculo com a Alemanha esteja somente nas origens. Estas personagens ainda estão em uma tentativa de criar um apêndice da Alemanha n Brasil; por mais que tenham nascido brasileiras, não se sentem pertencentes a esta nação. Dessa forma, podemos acompanhar as reflexões de Germano Wanderer enquanto se dirige ao Clube Germania: “estava mais que na hora de um Partido Alemão, que evitasse a absorção da cultura alemã pela portuguesa, que desse um basta às injustiças.” (STIEHL, 2003, p. 62). E em outro momento, ao discutir a questão com Campos Netto: “- Queremos ser aceitos como brasileiros que somos, porém, queremos o direito de ser um tipo diferente de brasileiro, major. Por que não aceitam isso?” (STIEHL, 2003, p. 63)

O embate entre brasileiros e alemães vai escalando para um ponto em que os colonos são considerados uma ameaça ao Brasil. O dentista da cidade, Chagas Carvalho, é também um republicano ferrenho, o qual alerta para o perigo alemão. Além de os descendentes de alemães procurarem manter o vínculo com as origens, no Brasil alguns políticos são tolerantes a eles.

- Essa política de tolerância e carregada de hesitações do Sr. Wenceslau Braz e até de Borges de Medeiros é uma afronta ao nosso patriotismo. Ambos estão cercados de germanófilos. [...] É preciso, senhoras e senhores, seguir o exemplo deste homem que hoje aqui homenageamos, Tiradentes, que deu a vida para libertar o Brasil. Se nossa vida for necessária, aqui está ela - e abriu a camisa, dispondo seu peito -, porque mesmo a morte é preferível a entregar o país nossas mulheres, nossas crianças ao jugo germânico. (STIEHL, 2003, p. 98)

Chagas Carvalho chega a defender a criação de campos de concentração para alemães no Brasil. Na narrativa, o posicionamento enfático e mais violento é majoritariamente das personagens brasileiras.

- A Intendência ainda há de organizar campos de concentração para serem recolhidos todos os alemães e seus descendentes miseráveis que, mesmo antes do tempo, andam de joelhos, pedindo misericórdia. Émile Zola dizia: o ódio é bom! O ódio é justo! Conclamo todos a sentir comigo a justeza desse ódio! (STIEHL, 2003, p. 100)

Ironicamente, Chagas de Carvalho pertence ao mesmo grupo de Antônio Flores, o qual em um determinado momento da narrativa expressa a seguinte frase sobre o Presidente do Estado: “- Tem nomeado alemães para cargos que, por direito, pertencem a nós, brasileiros puros.” (STIEHL, 2003, p. 93)

Esse posicionamento está conectado com o fato de a Primeira Guerra Mundial estar acontecendo e de que alguns colonos estarem comemorando vitórias alemãs. Os campos de concentração para alemães no sul do Brasil jamais existiram, entretanto alguns atos foram realizados. Em *Bárbaros no Paraíso*, o *Gesellschaft Germanya* foi depredado mais de uma vez. Os ânimos foram exaltados e, para piorar, na narrativa consta que “a Alemanha ameaçava navios brasileiros no Atlântico.” (p. 106).

Uma das propostas dos republicanos era a de que o nome alemão *Gesellschaft Germanya* fosse modificado para Clube Riograndense. Germano Wanderer considera que seja importante ceder, visto que em Novo Hamburgo e em Porto Alegre as sociedades alemãs teriam sido queimadas. A isto segue-se o seguinte diálogo entre Germano e Gustavo Biehl:

- Hoje, o nome do clube. E amanhã? Não podemos abandonar tudo o que é alemão pelo capricho de três ou quatro homens brabos. A Alemanha é nossa mãe!
Germano evocou o passado.
- Época houve em que foi menos mãe que madrasta. (STIEHL, 2003, p. 113)

As dificuldades com a língua alemã já não são uma questão em *Bárbaros no Paraíso* como eram em *A Ferro e Fogo - Tempo de solidão*. Todavia, as questões políticas que envolvem a língua sim, algo que não era questão na obra de Josué Guimarães.

- Ô guri! O que tu és, guri?
- Ich bin Deutsch! - respondeu o menino, orgulhoso de ter sido capaz de dar a resposta certa.

Os patriotas sorriram. Tinham razão: em São João do Monte Negro educavam-se crianças amando uma pátria estrangeira. Cuspiam na terra que lhes dava de comer. (STIEHL, 2003, p. 42)

Apesar de não existirem dificuldades com a língua em *Bárbaros no Paraíso*, o fato de os descendentes de alemães seguirem falando um dialeto alemão incomodava bastante. A personagem de Affonso Aurélio Porto, em um baile no Clube Riograndense, insiste em que “não deixemos que nasça novamente em nossos corações o amor a uma pátria que não seja o Brasil. Vamos valorizar em nossas crianças o amor pelo nosso país. A começar pela língua.” (p. 170-171) No livro de Pedro Stiehl também não aparecem questões com outros grupos étnicos. Comparado com a obra de Josué Guimarães, os negros já estavam alforriados e os indígenas já eram bem menos numerosos e se agrupavam em outros locais.

No livro de Josué Guimarães, os alemães têm poucas preocupações em relação aos brasileiros, tendo em vista que estão no novo país a convite da imperatriz dona Leopoldina. O governo imperial os queria ali. Os problemas que os alemães vão enfrentar são ataques de indígenas, principalmente, e dificuldades na comunicação, por ainda só falarem alemão. No livro de Pedro Stiehl, as personagens de origem alemã já poderiam ser consideradas brasileiras, não fosse a questão de ainda fazerem parte de um grupo bastante fechado em sua cultura e com fortes ligações com a Alemanha.

4 O envolvimento do imigrante e/ou descendente alemão na política

4.1 A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão

A família Schneider, vindos da Alemanha Daniel, Catarina e o filho Philipp de cinco anos, recebe uma proposta de Gründling, uma proposta irrecusável nas palavras do último. É logo no início da narrativa, no capítulo 4 da primeira parte, que Gründling faz a proposta, a qual vai acabar determinando para sempre o destino da família. Gründling propõe que eles passem alguns meses na região da fronteira com o Uruguai para receberem mercadorias vindas de lá. Para convencê-los Gründling apela para a questão dos filhos de Catarina e Daniel, pois além de Philipp, Catarina está grávida de seis meses.

Daniel e Catarina decidem empreender a viagem até os lados do Chuí, onde ficariam por alguns meses. Na primeira noite dormem em uma estância no meio do caminho e, naquele momento surgem dois soldados uruguaios, o que gera um estranhamento nos dois. Mas seguem adiante e no dia seguinte chegam à figueira que Juanito logo reconhece. Ali morou um francês que foi enforcado por soldados uruguaios, os quais também acabaram tendo o mesmo destino porque desobedeceram o chefe. As marcas ainda estavam na árvore.

O primeiro mês no novo lugar passa tranquilo. A família Schneider se instala no local juntamente com Juanito e os negros. Philipp escala a grande figueira todos os dias e passa boa parte do dia lá, observando a paisagem e avisando a todos quando algo no cenário muda. Recebem a primeira visita de Frederico Harwerther, o qual era companheiro de Daniel nas noites de bebedeira em São Leopoldo. Este traz uma carga grande na qual estão mantimentos para a família e também as caixas vindas da banda Oriental. A segunda visita, dias depois, é de João Carlos Mayer, o qual vem buscar as tais caixas. Até então a família Schneider e todos que ali moram não sabiam o que continham as caixas, mas Mayer alerta que há burburinhos em relação a uma vontade do general castelhano Lavalleja em invadir o Brasil.

No tempo em que se passa o início de *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, o presidente do Rio Grande do Sul era José Feliciano Fernandes Pinheiro. Neste momento acontece a Guerra da Cisplatina, conflito entre o Brasil e as províncias do Rio da Prata em disputa pelo território do Uruguai. É neste conflito que a família Schneider será envolvida, recebendo de Frederico Harwerther armamento e munição que são repassados a João Carlos Mayer.

Quando de fato o conflito eclodiu, o médico alemão João Daniel Hillebrand, em carta a Salvador José Maciel, brigadeiro da guarda nacional, oferece os patricios à luta nacional.

Trinta e sete colonos marchariam como voluntários para os campos de batalha. O presidente achou pouco. Finalmente havia cinquenta deles, treze dos quais no laço, arrancadas das suas mãos as enxadas e colocadas no lugar delas velhas espingardas de carregar pela boca. Companhia de voluntários alemães. João Carlos Mayer entre eles, já que haviam descoberto que o seu fraco eram as armas. Trouxera muitas armas contrabandeadas na fronteira. Nos primeiros dias de treinamento, a coisa se complicou. Eles não entendiam as ordens dadas em português. Meia-volta-volver, eles parados, vendo primeiro o que os outros faziam. Os pelos-duros rindo das trapalhadas. Recebiam ordens e não cumpriam. Como castigo, vinte chibatadas no lombo, na frente das tropas. Pedro Meng se enforcara nas traves de uma cancela, pela vergonha de apanhar na frente de seus companheiros alemães. Então passaram a cavar latrinas, limpar armas, lavar cavalos. Isso eles entendem, dissera um oficial brasileiro. O Dr. Hillebrand revoltado com o tratamento que estava sendo dado aos seus homens. Escreve outro memorial ao presidente da Província, historiando os vexames, os sacrifícios, as chibatadas, como se fossem negros escravos. (GUIMARÃES, 1991, p. 53)

No trecho acima há algumas questões importantes. Uma delas é a ironia do nome “Companhia de voluntários alemães”, sendo que alguns foram obrigados a ir e outros possivelmente foram, mas contrariados. O início da Guerra da Cisplatina coincide com o período em que os imigrantes estão recém recebendo as terras, as ferramentas e as sementes para o início da nova vida no Brasil. Mal estão instalados, falam uma língua muito diferente e se veem obrigados a participar de um conflito do qual não têm ideia alguma do que seja.

Também no tema político está compreendida a questão do negro escravizado. Quando as primeiras levas de imigrantes alemães chegaram ao Brasil, o regime de escravidão de negros regia, durando por muitos anos ainda. Enquanto os alemães aguardavam pelas terras, sementes e ferramentas prometidas pelo governo imperial, os negros que conseguiam a liberdade desejavam voltar a ser escravizados, pois haviam ficado sem eira nem beira: “[...] uma carta de alforria assim sem mais nem menos, uma liberdade pior que a prisão, procura angustiada de comida e de um novo senhor que lhes desse um galpão onde largar o pobre corpo.” (GUIMARÃES, 1991, p. 10).

No trecho da página 53 fica mais uma vez clara a questão do racismo. O imigrante alemão não poderia ser tratado tal qual um negro, mesmo que tenha sido obrigado a lutar em uma guerra da qual nem compreende o significado, que tenha passado muitas necessidades na viagem de navio ao Brasil e nos primeiros tempos na terra nova, vindo da Europa por necessidades extremas como pobreza e doenças. Jamais poderia ser tratado como eram os negros escravizados no Brasil.

A política de embranquecimento do Brasil fez com que alemães fossem comprados através de promessas. Em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* consta que os imigrantes não sofriam o mesmo tratamento dos negros, mas que eram pagos tal qual pelo imperador, ou seja, por cabeça.

No capítulo dois da quinta parte há um conflito direto entre os soldados brasileiros e os castelhanos. Entre os soldados brasileiros estão os voluntários alemães como João Carlos Mayer. Em um determinado momento Mayer estava lutando contra alemães do Barão Heine. “Finalmente eles se entendiam com alguém, distinguiam os velhos palavrões da língua materna e não se queriam matar, era só o bater de espadas e o entrechoque de lanças. Mayer riu. Que loucura mesmo, Keller.” (p. 76)

Em um dado momento do combate, Mayer começa a ser perseguido por um dos lanceiros de Heine. Estavam longe já e foi então que o cavalo de Mayer caiu. “Finalmente o outro mandou que ele parasse, não queria matá-lo, rapaz a gente não tem nada a ver com essa briga.” (p.77) Mas João Carlos Mayer não acreditava nas palavras do soldado e imaginava que fosse artimanha para matá-lo. É então que os dois travam o seguinte diálogo:

- Rapaz, eu sou de Badenbach-Trier. Meu nome é Peter Sen Ludwig.
- Eu me chamo João Carlos Mayer. Por que você não enfia logo essa espada em mim? Vamos, está com medo?
- O outro riu. Era o que devia mesmo fazer. Olhou e viu que estavam longe da luta, sentou-se ao lado de Mayer e descansou a arma no chão.
- Você não acha engraçado a gente estar metido nisso sem ter nada a ver com a coisa? - perguntou Ludwig desabotoando a túnica empapada de suor.
- É, a gente sai da Europa por causa das guerras e vem para cá e é guerra de novo. Em qualquer lugar é assim.
- Eu não quero mais saber de guerra. Fui obrigado a ser lanceiro do Barão Heine e afinal a coisa foi divertida até ontem. Um homem fora da própria terra fica muito sozinho. E contra isso qualquer coisa serve. Veja você, encontrar um compatriota por aqui, como inimigo. Sabe, o melhor é tomar um rumo qualquer e desaparecer.
- Você quer dizer fugir.
- Desaparecer mesmo - retrucou Ludwig. - Para voltar agora eu precisava primeiro enfiar esta espada na tua barriga, montar a cavalo e continuar na guerra. Olha para esta farda, é diferente da tua.
- Mas a língua que nós falamos é a mesma.
- Vejo que você começou a pensar certo. Que é que fazia antes de se meter nesta coisa? - perguntou Ludwig.
- De tudo. Fui agricultor, contrabandista de armas, ajudante de ferreiro, mestre-escola, ajudei a empalhar bicho, um certo tempo fui macerador de ervas para o preparo de remédios. Agora, como está vendo, sou lanceiro alemão do lado imperial.
- E eu lanceiro alemão do lado republicano. Já ouviu falar de Alvear? Se não ouviu, melhor. Homem violento estava ali. (GUIMARÃES, 1991, p. 77 e 78)

Ludwig e Mayer, exaustos, morrendo de sede e de fome, fedendo sem banho há dias, quem sabe meses, acabam decidindo por dormir e na manhã seguinte são acordados pela tropa brasileira e levados amarrados. Mayer está revoltado, fala o tempo todo de como aquilo é injusto, ele ser preso pelo grupo do qual faz parte, por ter sido um dos primeiros a entrar para o grupo dos Lanceiros Alemães. Em um determinado momento da caminhada, depois de já terem comido e bebido, o oficial chama o nome de cinco alemães, além de brasileiros. Todos são açoitados e Mayer se contorce de ódio pela vergonha que irá passar. Ele é o último a ser chamado, crente de que será açoitado, mas é morto com um tiro no peito. Antes disso, Mayer pensa sobre o passado e sobre o futuro e é interessante observar que, apesar de estar no meio de uma guerra, mantém esperança no futuro. Delira, subconscientemente sabendo que aquele é o seu fim. Josué Guimarães transmite de forma excelente o momento de segundos antes do tiro. São os delírios de Mayer:

Ana Maria, cuidando da filha - ou teria nascido um menino, como ele queria? - sem barriga, cuidando da horta, de noite fechando a casa que os bugres podem chegar sem que ninguém espere as duas espingardas de espoleta bem à mão é só enfiar no buraco da parede ao primeiro sinal deles e dar no gatilho, os Wallauer virão correndo, os Timm, os Selzer, os bugres fugirão. Daniel Abrahão cuidando das armas, Harwerther passando a fronteira, Gründling recebendo as caixas, serviço bem feito vamos beber uma cerveja em comemoração à saúde dos estancieiros de Jerebatuba ao dinheiro ganho por Harwerther um bom companheiro esse Harwerther quando ganhar bastante dinheiro vamos organizar uma companhia de transporte marítimo de Rio Grande ao Rio de Janeiro, quem sabe um dia se compram navios para atravessar o oceano é com gente assim que se ganha dinheiro. Pára de chorar Ana Maria, isso não fica bem para a filha de um Pfeiffer isso pode prejudicar a criança, a guerra dura pouco e a gente volta, vamos plantar essa terra, ganhar dinheiro com o amigo Gründling na volta em noite de chuva vamos os quatro sentar naquele boteco da Praça do Cachorro e beber até cair. Que diabo de ordens dá esse tenente de merda, onde andava ele quando espetei aquele castelhano? Preparar, apontar, fogo! Reconheceu, em português, a palavra fogo e tudo desapareceu dos olhos e da cabeça. (GUIMARÃES, 1991, p. 81)

No livro de Josué Guimarães não consta que houve respingos referentes à Guerra da Cisplatina na cidade de Porto Alegre. Na narrativa, enquanto a família Schneider está no Chuí e passa por dificuldades, em Porto Alegre e São Leopoldo a vida segue quase sem comentários sobre os pampas. Na Banda Oriental havia medo e morte, na capital se desfrutava de tranquilidade, com direito à noites no teatro.

A mobilidade da Guerra Cisplatina transformara Porto Alegre num entreposto de tropas, ora enxotando os homens de Lavalleja que procuravam penetrar na Província por Bagé e São Gabriel, ora dando combate aos regimentos que intentavam conquistar Rio Grande e toda a costa. (GUIMARÃES, 1991, p. 101)

O trecho acima é da noite em que Gründling, Sofia e cidadãos da alta sociedade porto-alegrense, bem como os soldados citados no trecho acima assistem a uma peça na antiga Casa da Ópera. Esta noite torna-se histórica. A peça é interrompida para o seguinte anúncio do diretor do teatro: “Tenho a subida honra de informar a todos que acabamos de receber notícias da Corte dizendo que foi assinada a paz entre o Brasil e a Argentina, tornando-se assim Estado Independente, a Banda Oriental do Uruguai” (p. 102). Nesta mesma noite, já em casa, Gründling diz à Sofia que “paz é bom para quem não tem negócio” (p. 103).

No capítulo três da oitava parte, findada a Guerra Cisplatina, a família Schneider regressa a São Leopoldo. Partindo do preceito de que a vida voltaria ao “normal” a partir dali, Daniel todavia não consegue levar uma vida “normal”, está traumatizado e transtornado pelo que se passou. Esse cenário vai acompanhar Daniel até o fim de sua vida.

Faltava para ele o teto ao alcance das mãos, as paredes coladas ao corpo, não sabia mais dormir sobre a terra, o ar frio entrando pelas frestas como duendes ameaçadores, o inimigo sempre à espreita, os soldados prontos a caçá-lo. A faca que corta o pescoço, a espada que entra no peito, a corda a balançar sinistra de um galho qualquer. (GUIMARÃES, 1991, p. 127)

No capítulo três da parte nove, Gründling recebe uma extensa carta de Schaeffer, o qual está voltando ao Brasil. Na carta, Schaeffer afirma que o imperador suspenderá a imigração e, com isso, os negócios mais rentáveis dos dois estão ameaçados. Além disso, Gründling se preocupa com os conflitos que acontecem na colônia.

[...] onde deveria haver união, que diabo, não bastam os bugres, os tigres, as cobras, as doenças, os próprios imigrantes se odiando, agora mesmo estou sabendo por Schilling e por Tobz que São Leopoldo vive momentos difíceis, a população se dividindo entre um pastor maluco e um médico que pouco conhece da profissão, como se isso adiantasse alguma coisa, se já não bastasse a guerra que mal acabou, pelo menos inimigo era inimigo, falava língua estranha, podia-se matar sem remorso. Falamos língua diferente, também? Uma coisa nada tem a ver com outra. Estamos do mesmo lado, um termina absorvendo a língua do outro. Schaeffer, aliás, me diz isto nesta carta. “Mandarei tantos alemães para o Brasil que dentro de vinte anos, ou menos, ninguém falará outra língua, pelo menos no Sul.” (GUIMARÃES, 1991, p. 137)

Na noite em que leu a carta de Schaeffer, Gründling foi ao casarão de Izabela, na Ladeira de São Jorge. Chegando lá, reclamou do cheiro de urina da rua que entrava para o bordel e associou isso aos soldados recém chegados da guerra. A mulher que foi destinada a Gründling naquela noite foi tirada de um soldado, o qual tentou enfrentá-lo, proferindo

ofensas como comedor de chucrute e alemão miserável. Gründling dominou o soldado com dois golpes e Izabela conseguiu expulsá-lo. Chamava o soldado e seus companheiros de “valentões brasileiros, mestiços filhos de uma cadela” (p. 139). Recordava, ainda, que logo estaria no Rio de Janeiro para encontrar o imperador, “imagine só, viajar para o Rio, uma terra onde só se vêem negros pelas ruas” (p. 140).

Quando Gründling regressava para casa, já de madrugada e bêbado, foi surpreendido pelo soldado e mais quatro companheiros e apanhou a ponto de ficar desacordado. Quando acordou, era “carregado por estranhos, entre eles um negro, onde pensam vocês que eu quero ir? Quem permitira que tocassem com as suas mãos imundas o seu corpo, a sua roupa?” (p. 140).

No capítulo cinco da parte nove, aparece novamente a questão da conspiração dos colonos contra o império. “Conspiração, revolta, conjura - que mais se sabia? Seriam os alemães, descontentes com o atraso dos pagamentos prometidos pelo governo, amanhã, depois, sempre adiando, ninguém dizia coisa com coisa, o inspetor de colonização desconversando.” (p. 141). Junto a este fato, corre um boato de uma revolta dos militares, a qual ainda não é confirmada pelas autoridades. Contudo, volta e meia algum colono desaparece e volta com marcas pelo corpo, como se tivesse sido torturado. Os colonos que desaparecem são sempre os mais influentes na conspiração contra o império.

No capítulo dois da parte dez, Gründling chega ao Rio de Janeiro. Sente uma estranheza ao ver que Schaeffer não tenha ido buscar o amigo no porto. Quando chega até a casa onde Schaeffer está, estranha o fato de a casa estar em péssimas condições. Schaeffer está dormindo, bêbado e vomitado. Quem buscou Gründling no porto foram Augusto Rasch e Alois Moog, dois amigos de Schaeffer.

- Vocês são agentes da imigração feita por ele [Schaeffer]?
- Éramos - disse Moog. - O governo acaba de suspender toda e qualquer verba para esse fim. O negócio, ao que tudo indica, terminou.
- Mas isso é impossível. Na última carta Schaeffer mandou dizer que agora era que a coisa estava começando, que tinha mais de duas mil cabeças à espera de transporte.
- Quando escreveu, estava falando a verdade. Mas essa gente toda vai ficar por lá mesmo. (GUIMARÃES, 1991, p. 148)

Quando Schaeffer se encontra em condições de falar, Gründling questiona-o, sobre se ele já havia falado com o imperador. Como resposta, Schaeffer diz “virei criminoso depois de

tudo o que fiz, meu caro. Criminoso. Andam agora me caçando como quem caça animal do mato.” (p. 149). Moog explica a Gründling que desde a morte da imperatriz Leopoldina os negócios de Schaeffer passaram a não darem mais certo.

No dia seguinte ao da chegada ao Rio de Janeiro, Gründling faz uma caminhada e pensa que não tem mais nada para falar com Schaeffer. É neste momento que ele se lembra, pela primeira vez, de Daniel Schneider.

[...] Que mais poderia conversar com o amigo bêbado, meio doido, um fantasma do outro Schaeffer que conhecera e respeitara? Agora um trapo, não mais que isso. Por uma garrafa de rum Schaeffer se ajoelhou a seus pés, implorando, prometendo lambe a sola de suas botinas. Lembrou-se, de repente, de Daniel Abrahão Lauer Schneider - onde andaria aquele infeliz? - ao qual prometera, como um prêmio, a visita do Major Schaeffer, unha e carne da imperatriz, comensal da corte do Czar Alexandre I. Sentiu vontade de rir. Imaginou Schaeffer bêbado, de rastos, pedindo ao seu posteiro do Uruguai um copo de cachaça. Pois muita honra em conhecê-lo, excelência. Fora tudo para os quintos do inferno com a Cisplatina. Os malditos castelhanos estragando o grande negócio de armas, desmanchando a patadas o trabalho dos outros. Merda para o posto da fronteira. (GUIMARÃES, 1991, p. 153)

Na parte onze do livro, os dois primeiros capítulos tratam do entorno da família Schneider. Catarina progride cada vez mais nos negócios. No seu comércio, porém, não se fala de outro assunto que não seja o da conspiração dos colonos. Todavia, ninguém sabe se de fato algo está acontecendo, a única informação concreta é que três oficiais foram presos em Porto Alegre: Stepanousky, Kerst e Oto Heise.

Logo no início da parte doze, o tema é a prisão dos três oficiais e mais três civis alemães. Há um grande burburinho sobre conspiração. Depois do culto dominical, o pastor Frederico Klinghöfer é questionado pelos fiéis, como se devesse saber da razão das prisões. Diz que não sabe e deixa nas mãos de Deus o julgamento. Então, um dos fiéis de nome Daniel Scherer questiona o pastor:

- Mas reverendo - disse Daniel Scherer - a injustiça nos revolta. Estamos sendo vítimas de perseguições por parte dos brasileiros, das autoridades. Ora, estamos aqui chamados pelo governo, não somos intrusos.
- Sobre isso precisamos meditar, não devemos tomar decisões afoitas, afinal por que tudo isso?
- O senhor sabe o que aconteceu ontem, três militares alemães e mais três agricultores, homens de bem, presos e levados para Porto Alegre como criminosos.
- Como se pode saber se a prisão desses homens de nossa terra se reveste de injustiça, se não houve julgamento? - ponderou o pastor.
- Seu irmão mesmo, Germano, está sendo apontado por alguns como fazendo parte da conspiração. Eles querem o que nós queremos, Herr Scherer? - disse já um pouco irritado o pastor.
- Queremos que nos paguem os subsídios atrasados. Há mais de um ano que não vemos a cor do dinheiro que nos foi prometido na Alemanha. Queremos a

demarcação das terras, até hoje adiada para a próxima semana, que nunca chega. Queremos os animais domésticos que constam dos nossos contratos. Olhe, reverendo, por mim declaro alto e bom som: se esses homens estão sendo levados para a prisão por isso, estou disposto a seguir junto, pois quero o mesmo. (GUIMARÃES, 1991, p. 172)

Logo depois do diálogo acima, o pastor vai até a casa do seu irmão Germano e lá o encontra com dois amigos: João Jacob Agner e Antônio Luiz Schröder. O pastor acha isso muito estranho, mas Germano garante que estão falando sobre plantação, sementes e assuntos do trabalho. Todavia, logo que Frederico dá as costas, Germano volta a conversar com os amigos sobre a insatisfação com o governo. Dias depois, Agner aparece caído no centro da cidade com duas facadas no peito, à luz do dia. Catarina se revolta e promete que agirá com violência. Quando estão na delegacia, tratando das questões da morte de Agner, Catarina questiona o escrivão, dando a entender que alguém grande está por trás desta e de outra morte. Cobra que se investigue para evitar mais mortes, ao que o escrivão responde, irritado: “Ora, Frau Catarina, tanto homem morreu na Cisplatina e nem por isso o mundo deixou de rodar. Mais um, menos um, dá no mesmo.” (p. 183).

No primeiro capítulo da parte treze, Germano, os três ex-prisioneiros Lucks, Sperling e Richter, e também Catarina, Schröder e Jacobus estão reunidos, chocados com as marcas deixadas pela tortura nos corpos dos que estavam no *Presiganga*, uma espécie de navios-presídio, em Porto Alegre. Catarina decide levá-los até o Dr. Hillebrandt em função das chagas abertas nas costas. Germano então a alerta: “[...] tenha cuidado com o que disser ao doutor, não diga a ele que encontrou os homens na minha casa, o médico é amigo de Gründling e Gründling é o alemão que se presta a carregar prisioneiros nos seus lanchões e mantém espiões em toda a colônia.” (p. 188).

O capítulo três da décima terceira parte da narrativa é dedicado aos pensamentos e falas de Gründling. O imperador Dom Pedro I acabara de abdicar do trono e, por isso, as verbas para a imigração alemã estão paradas. Nisso tudo resulta também a derrocada do grande amigo, o major Schaeffer.

Gründling está com Sofia na sala enquanto estuda os livros pretos de negócios. Lembra que Schaeffer era o melhor amigo da imperatriz Leopoldina e que, no começo da imigração, era pago em barras de ouro pelo general Brant. Agora tudo havia se acabado. Ao finalizar suas lembranças em relação à Schaeffer, conta a Sofia que, “como os negros não

sabiam lidar com a terra, encomendaram a Schaeffer que trouxesse escravos brancos” (p. 192).

No capítulo três da parte quatorze, Oto Heise vai até a Câmara onde se encontra o presidente da província do Rio Grande do Sul para tratar da questão dos atrasos aos colonos. Quer tratar com o inspetor geral das colônias, todavia, depois de alguma conversa e posterior exaltação do tenente-coronel Salustiano dos Reis, Oto se vê obrigado a voltar sem progressos. Quando se encontra com Salisch, Krieger e Germano, Oto compartilha o recado enviado por Jacob Sperling, um dos alemães torturados. Colonos de Picada Café estão se organizando para fazer uma passeata em São Leopoldo.

No capítulo cinco da parte quatorze, Gründling vai até a polícia, convidado pelo coronel Alves de Moraes. Não era o único convidado. O coronel queria informações sobre as movimentações de subversão dos colonos. Gründling não tinha com o que contribuir, mas se comprometeu em ajudar.

Já no capítulo três da penúltima parte do livro, a possibilidade da criação de uma Sociedade Militar, a qual reivindicaria a volta do imperador ao poder, gera um grande tumulto nas ruas de Porto Alegre. O nome do movimento teria sido dado assim para ter mais credibilidade, todavia não eram só militares. Os membros do ato revolucionário eram também chamados de caramurus. “Schiling relatou o que vira, muito boato na rua, o soldado de prontidão nos quartéis, as autoridades reunidas, militares de alta patente chegando do Rio, a Corte alerta.” (p. 218). Naquela noite, Gründling passaria alerta, com a espingarda ao lado, assim como o amigo Tobz e o cocheiro da casa, com ordens para atirar caso alguém tentasse entrar na casa.

Naquela noite, personagens como Oto Heise, Frederico Krieger, Germano Klinglhöfer, Hermann Salisch, João Jacob Decker e Frederico Engerer fazia parte da movimentação contra o possível retorno do imperador. O conflito na Rua da Praia deixou Krieger ferido de bala no peito e Salisch de pedra no rosto. Enquanto Heise e Engerer aguardam por notícias, o segundo comenta: “[...] fiquei com pena dos pobres negros, eram os mais visados. Vi um deles morrer quase do meu lado, um soldado atirou à queima roupa. Outros dois homens morreram no Beco dos Ferreiros. Deve ter morrido muita gente, isso só saberemos com o tempo.” (p. 221). De manhã, recebem a notícia de que Krieger acabara morrendo.

Várias mortes acontecem no penúltimo capítulo do livro. Primeiro, Frederico Weber é morto com dois tiros por Germano Klinghøfer, à luz do dia, na frente de Jacob Schmidt. O motivo foi o de que Weber estaria espalhando fofocas acerca do grupo de rebeldes. Na noite do mesmo dia, enquanto Catarina ouvia de Emanuel a história da morte de Weber, Jacobus chegava dizendo que João Thomaz Stottenberg havia matado João Stenzel. Neste momento, Catarina decide ir até Porto Alegre, pois considera que tudo o que está acontecendo é culpa de Gründling. Quando está já em sua carroça, no centro da cidade, Catarina vê uma grande movimentação e fica sabendo que o Coronel Vicente Freire e seu filho Diogo haviam sido mortos.

Para Ivânia Aquino,

O papel de Gründling é representativo do que a história registrou sobre a exploração que os colonos sofriam dos próprios compatriotas já instalados na província. O romance sugere que, na terra estranha, ainda sem recursos adequados para instalação e sobrevivência, à espera do recebimento dos produtos e do pagamento que o governo prometera a cada imigrante no contrato de imigração, morando em habitações precárias, ficava fácil àqueles que se encontravam nessa situação acreditar em propostas dos da mesma etnia, com as intenções que a ficção aponta por meio da personagem Gründling, pois que a passagem dos dias trazia-lhes mais dificuldades e mostrava que estavam relegados ao abandono e à violência. (AQUINO, 2007, p. 273)

4.2 Bárbaros no Paraíso

Em *Bárbaros no Paraíso* o cenário político do Brasil está localizado na disputa entre os Federalistas e os Republicanos de Borges de Medeiros. O fundo histórico da narrativa se passa entre 1914 e 1923 e Borges de Medeiros era o “Presidente” do Rio Grande do Sul. Além disso, alguns descendentes de alemães que aparecem no livro estão vinculados com o que está acontecendo na Alemanha, ou seja, o período da Primeira Guerra Mundial e a fase entre guerras, de grande relevância no cenário histórico. Na cidade de Montenegro, que é onde a trama se passa, há o Turn-Verein, uma sociedade ginástica que só aceitava sócios falantes de alemão. Há também a *Gesellschaft Germanya*, uma associação dos colonos que não raramente comemora os feitos políticos da pátria de origem, como fica exemplificado no trecho abaixo:

- do que riem? - Perguntou Chico ao delegado. - Será de nós?
Desviaram os cavalos das pessoas.
- O que dizem? Tu compreendes, Leovegildo, esta língua primitiva? Parece um arroubo de monstros à beira da morte.

O delegado não respondeu. Estava preocupado com as manifestações. O sangue encheu o rosto de Francisco de um misto de vergonha e ódio.

- Falam de mim. Falam de mim, tenho certeza.

- O que poderiam dizer de ti, vivente? - perguntou o delegado.

Com o rosto transfigurado, Chico encarou Leovegildo.

- O que eu não daria pra saber, e poder sacar o revólver aqui mesmo e mostrar quanto vale a honra de um Oblarte da Silva.

[...]

- Viva o Kaiser Guilherme II! Viva o general von Hindenberg! Viva a grande Alemanha! (STIEHL, 2003, p. 39)

No livro de Pedro Stiehl, a religião desempenha um papel que está associado à política. Os descendentes de imigrantes alemães são classificados entre federalistas e republicanos conforme a religião que seguem: se são luteranos - a maioria - então são federalistas; se são católicos, são republicanos. Em um encontro de membros do Partido Republicano, o professor Antônio Flores faz o seguinte discurso:

- Nos primórdios da colonização do nosso glorioso Estado, nós, brasileiros autênticos, tivemos que expulsar espanhóis, argentinos e uruguaios.

[...]

- A nossa geração tem a honra de ser convocada pelo presente para barrar o belicoso pangermanismo que quer iniciar, por aqui, sua escalada de dominação na América.

[...]

- Querem fertilizar aqui a semente de uma nação estrangeira. Senhores, o destino nos convida a fazer História! (STIEHL, 2003, p. 40)

Francisco Oblarte, o marido de Maria Anita, acredita que os luteranos são bárbaros e que o catolicismo trouxe a civilidade. Na maior parte da narrativa os luteranos recebem adjetivos pejorativos, porém, quando se trata de um alemão imigrante, até mesmo os católicos não escapam às críticas. No diálogo entre Antonio Flores e Francisco Oblarte, Antônio fala:

- Mas a mim também me preocupam os estrangeiros católicos. Vejam esse incorrigível padre Nicolau: o homem só quer rezar missas em alemão! E o governo do Estado mandou o delegado Leovegildo garantir que ele possa fazê-lo. (STIEHL, 2003, p. 50)

Configura-se ao longo de toda a narrativa uma rivalidade intensa entre os ditos brasileiros e os colonos. Há constante necessidade de enquadrar os imigrantes em algum aspecto negativo. Na maioria das vezes isso se dá pela religião protestante, mas em se tratando de descendentes de imigrantes alemães, nem mesmo aqueles que são católicos escapam. Em um diálogo entre Chico Oblarte e Antônio Flores isso fica claro:

- E, meu caro Antônio, é preciso distingui-los: há alemães e alemães. Uma coisa é ser alemão. Outra é ser alemão luterano.

- Mas a mim também me preocupam os estrangeiros católicos. Vejam esse incorrigível padre Nicolau: o homem só quer rezar missas em alemão! E o governo do Estado mandou o delegado Leovegildo garantir que ele possa fazê-lo. (STIEHL, 2003, p. 50)

Para os católicos, os protestantes eram todos hereges. Isso se exemplifica com o relacionamento de Ingrid com Germano Wanderer. Germano é protestante (p. 57 e 58)

Alguns dos personagens alemães comemoram vitórias do Kaiser Guilherme II na Alemanha. Este foi o último imperador e rei da Prússia. Governou de 1888 até 1918. A vitória dos alemães sobre os russos foi comemorada com uma festa no clube Germanya. Quem narra esta parte é Sofia. No que tange ao sentimento patriótico, estes descendentes de alemães que estavam no Brasil não se sentiam brasileiros, apesar de terem nascido neste país, tampouco eram alemães.

Gustavo Biehl, muito cumprimentado por ter defendido a nós e a outros patriotas, falou da grande causa da milenar mãe Alemanha e de como todos nós ali fazíamos, conscientes ou não, parte do Grande Projeto Alemão. Biehl encantou a todos com frases de Nietzsche, de Schiller e com seus sonhos de um estado Alemão dentro do Brasil. O ar do Germanya deixava respirar o ar dos vencedores. Inebriados pela cerveja, muitos prometeram se alistar nos exércitos de Guilherme II e defender, mesmo com a vida, o Reino Alemão na Europa... ou no Rio Grande do Sul, como sonhavam alguns.

Mas meu pai sabia, e seu olhar levemente irônico me fez pensar o mesmo, que na manhã seguinte, sob o efeito da sobriedade e da realidade, da pressão dos patriotas, quase todos esqueceriam aqueles momentos de júbilo e regozijo e voltariam a conviver com as velhas angústias dos que, na verdade, não tinham pátria. Na ânsia de alcançar alguma, perdia-se a possível. (STIEHL, 2003, p. 79)

Germano Wanderer é um descendente de imigrantes alemães que vai tornando-se ao logo da narrativa um federalista, talvez muito mais pelas provocações e atos dos republicanos do que por convicção. No início da narrativa (STIEHL, 2003, p. 83), quando os conflitos não passavam ainda de provocações, Germano, em um diálogo com Antônio Moojen, pronuncia as seguintes palavras: “Há os que precisam ser republicanos, para o bem dos seus negócios. Há os que não querem se incomodar. Para ter paz, nada como ser filiado ao Partido Republicano.” Ao que Moojen responde “- E há os que querem ser como eles, como se isso fosse possível: nunca seremos como eles; eles sabem, nós sabemos. Não confiam em nós; não confiamos neles.”

A rivalidade entre brasileiros e alemães se torna ainda mais acirrada durante a Primeira Guerra Mundial. As animosidades, que até então estavam na esfera do pensamento ou da fala, agora se transformam em atos, e o primeiro alvo é o clube Germanya. Neste

momento, alguns alemães se reúnem para tomar providências, e uma das ideias é que o nome do clube seja trocado para algo em português. Pesam nesse momento os símbolos que mantêm a identidade do grupo imigrante alemão imigrado no Brasil. O caso dos imigrantes de religião protestante luterana é ainda mais complexo se comparado ao dos imigrantes de religião católica. A seguir, citarei uma passagem mais longa do romance, pois há uma descrição e também um posicionamento do Padre Nicolau Knob em um momento crítico que passa a comunidade, quando se decide mudar o nome do clube do alemão Germanya para um nome em português.

- A questão é: seremos os mesmos se nos entregarmos à cultura deles? Bem ou mal, nosso modo ancestral de ser nos trouxe vivos até aqui. Sobreviveremos como alemães luteranos fora da nossa língua e de nossas tradições?

O padre Nicolau Knob, contrariadíssimo, foi levantando devagar. Estava constrangido. Desde o início, percebera que o encontro era uma reunião de protestantes. Apesar de sua ferrenha defesa dos valores alemães, o Germanya, definitivamente, não era lugar para ele. Rezava missas em alemão e, por isso, era execrado publicamente pelo Correio do Município. Famílias católicas tradicionais boicotavam suas missas, mas daí a frequentar o Germanya, era demais. Defender a língua e a cultura alemãs era uma coisa, aliar-se a luteranos, outra. Mas, pressionado, teve que optar por um de seus inimigos. Lembrou-se de um dito que se repetia nas salas de aula das escolas católicas, de que o assoalho do Germanya era o teto do inferno.

- Não vim aqui buscar soluções para a sobrevivência desta ou daquela fé - explicou-se. - A nós, católicos, nos parece que devemos orar e pedir a Deus que nos dê a concórdia. Devemos deixar clara nossa brasilidade, nosso patriotismo, sem que isso signifique abrir mão da nossa língua e da nossa cultura, e evitando posturas de afronta.

A intervenção do padre soou a todos contraditória em relação a suas próprias decisões na conduta da paróquia. Gustavo Biehl explodiu:

- Mas então devemos aceitar ofensas e provocações como se fôssemos estrangeiros a sugar o sangue brasileiro para entregá-lo ao Kaiser?

Um silêncio clamou para que continuasse:

- O padre quer a concórdia. Mas claro. Ele tem a mesma fé dos que nos humilham! Eu não duvidaria que houvesse aí uma aliança espúria com o intuito de prejudicar o protestantismo no Rio Grande do Sul.

As duas palavras de Gustavo Biehl reabriram velhas feridas. Insinuações circulavam sobre uma tentativa de lideranças católicas junto a Borges de Medeiros de aproveitar a exaltação pró-alemã dos luteranos para pôr a fé na ilegalidade. Seria o primeiro passo para extinguir o protestantismo no Brasil. (STIEHL, 2003, p. 114-115)

Um pouco mais adiante na narrativa, os patriotas - ou republicanos - estão reunidos em frente ao Clube Riograndense e exigem que todos os símbolos e troféus sejam retirados e queimados. Solon Flores e Germano Wanderer travam o seguinte diálogo:

- Evitemos violências desnecessárias, senhor Wanderer. Achamos justo que nos entreguem tudo o que for alemão e que esteja guardado nesse clube para que queimemos aqui e agora. Feito isto, cessarão os ódios e as desavenças, porque esse ato convencerá o povo de que vocês renegam seus laços com a Alemanha.

[...]

- Mas os senhores acreditam que seculares desavenças e milenares tradições sumam pela simples queima de pedaços de madeira e papel? Esperava mais de vocês.
 - Nós é que esperávamos que vocês fossem brasileiros - voltou a dizer Solon, buscando não perder nem a calma nem a liderança.
 - E somos. Espanta-nos que não o percebam - retrucou Germano.
 Solon endureceu o tom de suas palavras:
 - Não é desse tipo de brasileiro que o Brasil precisa. Um brasileiro dúbio, carregado da empáfia estrangeira. Um homem de brio assume uma única pátria, uma única fé, uma única língua, uma única cultura. (STIEHL, 2003, p. 128)

No capítulo dois da terceira parte (p. 140) ocorre um desfile da Sociedade de Tiro 87 pela data da Independência do Brasil (7 de setembro). Como espectador está Gustavo Biehl, fardado pela Frei Schütz, uma agremiação germânica de tiro. Ali começa um conflito que vai terminar na prisão dele e de outros alemães. O afinador de pianos Max Raupp é o único atingido de raspão no braço por bala desferida por Antônio Flores. Gustavo Biehl diz, no momento da prisão: “Para nós, não há justiça nesse país!” (p. 141)

Ainda neste capítulo, no dia seguinte ao da prisão de Gustavo, o único que ainda permanecia na cadeia, o advogado de Arthur Renner, José Álvares de Moraes Vieira, traz a ordem de soltura expedida pelo juiz. O nome brasileiro do advogado é apontado na narrativa como algo que ajuda a soltar Gustavo. Na saída da delegacia alguns patriotas insultavam Gustavo e o advogado dizendo coisas como “alemão filho da puta, a terra desta bandeira é que mata a tua fome de porco” (p. 142). Germano, que estava também na delegacia acompanhando o advogado, está assustado com a situação toda, ao que o advogado diz: “Isso não é nada, Germano. Vai piorar muito.” (p. 143)

O dentista Alcides Feijó Chagas Carvalho é uma personagem emblemática porque, no grupo de brasileiros, é um dos que mais tem ódio dos colonos. Conforme já citado anteriormente, ele é favorável à criação de campos de concentração para alemães no Brasil. Em um artigo de jornal, Maria Anita lera que ele havia escrito o seguinte: “Em nosso país jamais haverá campos de concentração para os que se orgulham de ser brasileiros. Mas have-los-á, logo que forem precisos, para conter aqueles que têm vergonha da terra em que nasceram.” (STIEHL, 2003, p. 104)

Outra personagem que merece ser citada é Solon Flores. O amor dele por Sofia Wanderer, uma descendente de alemães e de pai luterano, provoca algumas vezes balanços em suas convicções políticas. No entanto, até o final da narrativa ele se mantém republicano convicto. Ao responder uma fala de Germano Wanderer, quando este reafirma ser brasileiro e não alemão, Solon diz: “- Não é desse tipo de brasileiro que o Brasil precisa. Um brasileiro

dúbio, carregado da empáfia estrangeira. Um homem de brio assume uma única pátria, uma única fé, uma única língua, uma única cultura.” (STIEHL, 2003, p. 129)

No capítulo 3 da terceira parte, narrado por Maria Anita, acontece um churrasco em sua casa. Quem se reuniu ali, entre outros, foram Francisco Oblarte, o dentista Chagas Carvalho e o professor Antônio Flores. Em um dado momento, o professor comenta que poderiam reavivar a ideia do dentista dos campos de concentração para os alemães. É interessante que tal comentário não choca ninguém, mas quando Chico Oblarte complementa dizendo “e aí confiscar-lhes os bens e pôr a fé protestante na ilegalidade...” (p. 144) todos se entreolham. Não fica explicado o porquê do susto, porém é possível que seja por causa da religião.

Mais adiante, no capítulo dez da quinta parte, Arthur Bernardes vence as eleições republicanas para Nilo Peçanha. Isso deu aos adeptos do Federalismo uma grande esperança de que no Rio Grande do Sul Assis Brasil pudesse derrotar Borges de Medeiros. Neste momento da narrativa, Germano Wanderer coloca para fora toda a alegria que a esperança federalista lhe trouxe. Ele sai pelas ruas montado em um cavalo com as bandeiras da Alemanha e do Partido Federalista de cada lado e fala: “Vencemos os índios, a solidão, a indiferença, a segregação. Se tenho que viver conforme um gaúcho, que seja como um maragato, nunca como um republicano” (p.214). Alguns minutos depois, Wanderer é espancado na praça, em frente à igreja católica, para onde é levado quase desacordado por Sofia e Campos Netto.

A questão política do parágrafo anterior desencadeou a expulsão de Joaquim Oliveira e do major Campos Netto do clube Riograndense. Esta decisão foi tomada por Gustavo Biehl, tendo Germano Wanderer grandes dúvidas em relação à expulsão de Campos Netto. Este publicou, indignado, um artigo no jornal O Progresso sobre o fato e trazendo o problema para a mídia impressa, além dos embates físicos, muito presentes no quente cenário político do local.

Os alemães se uniram para boicotar as comemorações da Independência no 7 de setembro organizadas pela Intendência. Para alguns homens como Gustavo Biehl, nestas comemorações os republicanos da cidade mostrariam os feitos do governo neste dia e isso exaltaria o Partido Republicano. Por esta razão, comemorações pela Independência foram realizadas na sede campestre do Riograndense onde apenas alemães participaram.

Para exemplificar melhor essa relação entre religião e política, há um trecho do livro que acontece no dia da eleição para o governo do Estado, quando disputavam Assis Brasil e Borges de Medeiros. Gustavo Biehl, um federalista mas, principalmente, um defensor dos alemães e da Alemanha, ainda tenta convencer os colonos a votarem em Assis Brasil. Nisto, um deles lhe responde:

- Ouvi falar - gritou alguém entre os ouvintes - que alguns protestantes têm dito que Borges de Medeiros e os bispos católicos acordaram secretamente uma união para acabar com os luteranos no Rio Grande do Sul. Gostaria de dizer que, se esse for o propósito borgista, dizimar os hereges divisionistas da Igreja, votaria nele com fervor ainda maior. (STIEHL, 2003, p. 237)

A esta fala, Gustavo responde:

- Venho de Vapor Velho, como sabem. Por um longo trecho, minha casa é a única protestante. Todos os meus vizinhos são católicos. E temos vivido bem, respeitando nossas diferenças, justamente porque o que nos une, a nossa origem, os nossos ancestrais, a velha e destruída Alemanha, pulsa muito mais forte em nossos corações. (STIEHL, 2003, p. 237)

Nas eleições de 1923, Borges de Medeiros vence em relação a Assis Brasil. Pela narrativa, a eleição teria sido fraudada. Os “assisistas”, como se chamavam os federalistas que haviam perdido as eleições, resolvem formar um grupo revolucionário que incomodaria de diversas formas os borgistas. O líder deste grupo é Hygino Pereira, descrito da seguinte forma: “era um homem bravo e mau. Maragato desde o berço, perdera o pai, degolado, na revolução de 1893. Jurou vencer a guerra que o pai havia perdido, mas sem jamais admitir que sua revolução fosse uma revanche.” (p. 291). Quem estava no mesmo grupo de Hygino era Felipe Wanderer, um sujeito sem destino que sentia a necessidade de lutar por algo.

No final de junho de 1923, Hygino consegue chegar até o centro de São João do Monte Negro e pressiona os companheiros no Germanya para que conseguissem armas. Gustavo Biehl vai até Porto Alegre e as traz de barco. Por ter ficado duas noites sem dormir, quando está levando as armas para os companheiros, passa a ter alucinações. Encontrando Felipe, lhe diz o seguinte:

- Temos guerreado muito pela herança que nos legaram nossos antepassados, Felipe. Mas agora que vivemos o crepúsculo de nossa alma germânica, é preciso admitir: não são somente os patriotas que nos vencem. É a nossa própria fê que não nos permite comungar. (STIEHL, 2003, p. 305)

Em um diálogo entre Germano Wanderer e seu genro, Jorge Werther, quando o primeiro tentava convencê-lo a entrar para a causa federalista, Jorge compõe um discurso provocante:

- Não viemos conquistar o Brasil pelas armas, Germano - ensinou Jorge. - Viemos para disseminar e gerir um patrimônio. É pelo comércio e pela indústria que se vence verdadeira e definitivamente.

[...]

- Olha bem, Jorge, onde estão os teus está a tua causa.

- Mas quem são os meus, senhor Germano? Meu comércio é minha sobrevivência e, por fim, a minha causa. Em 1914, qual era a nossa causa? A mesma! E a que nos levou? À vergonha! À humilhação! A ter que lamber o cu dos brasileiros, porque senão poriam fogo nos nossos bens, confiscariam nossas riquezas e nos instalariam num campo de concentração.

[...]

- E ao fim de tudo, senhor Germano, num ato abjeto de sujeição, nossa causa nos levou a convidá-los a se associarem aos nossos melhores clubes sociais, de tiro e de futebol para, mais tarde, termos de tramar uma forma mesquinha de expulsá-los. Eis o resumo de sua causa nos últimos dez anos.

[...]

- Nesse processo, perdemos a confiança de clientes que depois levamos anos para reconquistar. Agora, vocês se aliaram aos federalistas, o lado errado, os perdedores. Não! Essa revolução estúpida não merece um homem como eu. (STIEHL, 2003, p. 312-313)

O conflito entre federalistas e republicanos estava prestes a acontecer. O personagem Solon Flores viu aí a oportunidade de realizar algum feito que deixasse seu nome marcado na história da cidade. Antes de partir para a propriedade de Gustavo Biehl, onde acontecia o encontro entre os dois lados, bateu na casa de Sofia para alertar que não saíssem de lá, pois seria perigoso. Depois de uma discussão entre os dois, há a seguinte reflexão de Sofia:

Sem controle, fomos deixando que os vendavais do ódio e do despeito nos arejassem os pulmões. Havia mágoas suficientes para muitas revoluções. Estávamos mais preocupados em vencer nossas guerras particulares utilizando-nos, para isso, sem escrúpulos, da minúscula diferença entre Borges e Assis Brasil. Nossa revolução tinha o mesmo cerne de toda guerra: as desavenças pessoais. (STIEHL, 2003, p. 320-321)

Também depois de presenciar a cena do alerta de Solon e a discussão de Sofia, Jorge Werther se convence de que Sofia jamais será sua e que não há mais pelo que lutar. Naquele dia ele se enforca em uma árvore e é encontrado horas depois pelo sogro Germano Wanderer. Saindo da casa de Jorge, Germano pega um cavalo e vai rumo à fazenda de Gustavo Biehl. Leva um tiro nas costas antes de chegar e é levado para a Cruz Vermelha, onde a filha Sofia o acolhe. Germano fica tetraplégico.

Várias personagens das duas obras aqui analisadas de fato existiram na vida real, inclusive com o mesmo nome que aparecem na ficção. Em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* há o Monsenhor Miranda Malheiros, que era o inspetor geral da colonização. Em *Bárbaros no Paraíso* há Ernesto Gustavo Biehl, que de fato na vida real desempenhou o papel de médico prático e fazendeiro, também exercendo a função de capitão da guarda nacional da Frei Schütz, uma agremiação de tiro.

Importante mencionar que a religião desempenha papéis bastante distintos em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* e em *Bárbaros no Paraíso*. No primeiro livro, a personagem que mais está vinculada com o tema é Daniel Schneider. Ele é luterano e se apega a Deus e à sua bíblia de uma forma doentia depois que passa a morar no poço. No livro de Pedro Stiehl as religiões católica e protestante aparecem mais porque estão vinculadas às questões políticas, que são o tema principal da narrativa. No primeiro tomo de *A Ferro e Fogo* o único alemão católico que aparece é Gründling. No livro de Josué Guimarães o papel da religião termina aí. Já no livro de Pedro Stiehl, a questão é muito mais profunda. Há uma fala de Germano Wanderer que exemplifica bem a relação entre religião, política e descendentes de alemães:

“[...] o federalismo não existe. Comprova-o a hegemonia castilhista há três décadas. A verdade é que os patriotas querem guerra e sangue. como não havia inimigos, escolheram a nós, alemães protestantes. Não somos positivistas, não somos republicanos, não somos católicos e, segundo eles, nem brasileiros somos.” (STIEHL, 2003, p. 147)

A política sempre andou lado a lado com as decisões da igreja. Na verdade, não temos aí nenhuma novidade, pois no transcorrer da História sempre vivenciamos essa relação, para o bem ou para o mal. Mas em *Bárbaros no Paraíso*, o autor apresenta de forma intrigante, até um tanto grotesca. Sabemos, no entanto, que nem sempre foi tranquila essa relação e isso está muito bem posto na obra. Muitas mortes e muitas perdas ocorreram devido a decisões políticas associadas a identificações religiosas.

5 A figura feminina na obra de Guimarães e Stiehl

5.1 A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão

Nas duas obras analisadas temos a presença de personagens mulheres muito fortes, as quais também são protagonistas. Em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* destacam-se Catarina e Sofia e em *Bárbaros no Paraíso* são Maria Anita e Sofia. Estas mulheres são determinantes para o desenvolvimento da história e também para o desfecho de alguns personagens, bem como o mastro da família em alguns casos. Aquino (2007) define Catarina assim:

Uma mulher de força na personalidade e no enfrentamento do cotidiano e de visão mirada na construção do futuro da família e, por conseguinte, da comunidade germânica de que faz parte; é dela que emergem os maiores sentidos da narrativa, que se faz de dor, de luta, de perseverança, de trabalho. (AQUINO, 2007, p. 267)

O primeiro capítulo de *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* se passa dentro de uma bodega em São Leopoldo e apenas homens estão lá. Gründling está bêbado e fala sem restrições sobre o quanto o dinheiro compra tudo, “mulher, escrava, branca, mestiça, terra e carroças, se compra gado ou negro, delegado de polícia e até presidente.” (GUIMARÃES, 1991, p. 7).

Nas noites em que os homens imigrantes viravam nas bodegas é interessante observar como as mulheres aparecem. Pensando nos protagonistas da obra, Daniel bebia e chorava lembrando da pátria de origem e no dia seguinte não conseguia encarar os olhos de Catarina, tamanha a vergonha. Iniciava-se a semana e ele trabalhava de sol a sol nos fundos da moradia provisória para no final de semana repetir tudo novamente na bodega. Enquanto isso, Catarina se via às voltas com a educação do filho Philipp de apenas 5 anos e com toda a organização doméstica.

Em um determinado dia Gründling, juntamente com os índios e negros escravizados que trabalham para ele, visita a família Schneider. Ele se dirige somente a Daniel, mas este tem dificuldades em compreender e, por isso, acabava recorrendo à Catarina, que entendia melhor.

Na proposta citada no capítulo anterior, a qual mudaria de vez o destino da família Schneider, depois de muita argumentação da parte de Gründling, ele manda Daniel e Catarina conversarem dentro de casa e que saiam com uma decisão. Depois de um tempo ambos saem e Daniel diz que não pode aceitar. Catarina está em prantos. Gründling diz a ela que lamenta pela decisão e então ela responde que irão, com Daniel sem entender nada.

O papel de Catarina é determinante para um destino menos trágico na família. As negociações são tomadas quando a família Schneider ainda mora na linha Feitoria sempre com Daniel, mas no fim das contas quem acaba decidindo é Catarina. Como já dito, é ela quem conhece o ritmo familiar e é ela quem tem a coragem de tomar decisões difíceis. Em comparação a isso é interessante observar que, antes da ida da família para o Chuí, Daniel recebe para si algumas vezes o adjetivo *mudo*.

No capítulo cinco da segunda parte há um diálogo importante entre Daniel e Catarina. Naquele dia, Frederico Harwerther traz mais um lote de mercadorias que seriam apanhadas por Meyer mais tarde. É só neste momento que a família Schneider toma conhecimento do que continham as caixas: armas e munição. Harwerther estava com medo, diante dos rumores de invasão dos castelhanos. Aconselha que todos ali fujam, teme que Mayer não chegue a tempo de pegar a mercadoria. Durante a noite, Catarina e Daniel travam diálogo e, mesmo Daniel propondo algumas vezes que fugissem, é Catarina quem resolve ficar. Quando ainda de madrugada os castelhanos invadem a propriedade, é também Catarina que organiza todos ali, ordenando que Daniel se esconda no poço.

Daniel aperfeiçoou o poço às ordens, planejamento e auxílio de Catarina. Do mesmo modo, quando os soldados partiram, Catarina ordenou que Daniel permanecesse escondido.

Na terceira parte da narrativa, alguns dias depois da partida dos castelhanos, chegam soldados brasileiros. Novamente Catarina é estuprada, agora por dois homens. Desta vez ela não chega a resistir, apenas pensa o tempo todo que está sendo estuprada por Gründling. Quando ouve o barulho das esporas dos soldados, associa o barulho com o das moedas no dia em que Gründling fez a proposta em São Leopoldo.

Enquanto Catarina toma a frente em todas as ações na fronteira com o Uruguai, em Porto Alegre Gründling recebe em sua casa o major Schaeffer, os dois à espera das prostitutas que o segundo pediu para que o primeiro chamasse. São quatro, mais especificamente. Falam

das mulheres puramente como objetos. Schaeffer, por já ter estado em muitos países, vai dando detalhes libidinosos das mulheres de cada um que se lembra.

Depois de alguns meses sem muitas visitas de estranhos, Daniel saía do poço durante o dia e voltava aos poucos a ter uma vida normal, também em relação à sua intimidade com Catarina.

Naquele ano nascia Mateus, nome que Daniel Abrahão quis dar em homenagem ao pai de Catarina. Um menino melado, branco, alemão. Catarina não pegara filho daqueles soldados bandoleiros. O menino era um Schneider. Mulheres do tipo de Catarina só pegavam filho do próprio marido. O útero se fechava ao esperma dos violadores. Animais de raças diferentes não procriam. Mateus, além de um Klumpp, era um Schneider. (GUIMARÃES, 1991, p. 69)

Ainda no final da quarta parte que Juanito conhece uma “chinoca minuano” (p. 69) na fazenda Medanos-Chico e passam a ficar de namorico. A menina tinha quinze anos de idade, foi encontrada ao léu em Rio Grande e é aceita na fazenda para trabalhar. O dono da fazenda percebe o interesse de Juanito na menina, faz vista grossa ao namoro dos dois, apenas não os deixa dormirem juntos por considerar a menina ainda muito nova.

No início da quinta parte de *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* o leitor é apresentado a outra adolescente, a personagem Sofia, uma menina alemã que tem por volta de dezesseis anos de idade. Ela é largada de cima de um cavalo em uma rua de São Leopoldo e mal fala. O médico Hillebrand a socorre, leva para a casa de uma família alemã e ouve a sua história:

Viera de São Borja para onde a família fora levada dos Sete Povos das Missões. Seu pai, Spannenberger, morrera degolado por gente de guerra. A mãe desaparecera e ela fora carregada por um gaúcho de quem não sabia o nome. Depois um outro homem ficara com ela, andando de povoado em povoado. Um dia fora deixada na casa de um velho e lá morara muito tempo. Não sabia quanto tempo. O velho morrera assassinado e um rapaz de nome Pedro ficara com ela e depois os índios o mataram e ela ficou vivendo entre os índios - um mês, um ano, não sabia bem; como os bugres andavam em guerra conseguira fugir até ser encontrada por um outro homem de melenas grandes e pretas, para quem trabalhava e com quem dormia. (GUIMARÃES, 1991, p. 72)

Hillebrand pede ajuda ao amigo Gründling e este prontamente o atende, levando Sofia para Porto Alegre onde ela teria a vida que merecia. É interessante que tanto a “chinoca” em Medanos-Chico - novamente alguém sem nome - quanto Sofia têm praticamente a mesma idade e surgem na narrativa de modos muito semelhantes. Todavia, só uma delas é merecedora de sensibilização e de cuidados, a descendente de imigrantes, branca.

No início do capítulo seis, Sofia chega na casa de Gründling em Porto Alegre. Ela é colocada como vítima tanto em relação à escrava que fica responsável por cuidar dela, para que não a assuste por ser negra, quanto à Izabela, a alcoviteira, quando pensamentos medrosos passam pela cabeça de Gründling.

No capítulo cinco da parte sete, Oesterreich e a esposa arrumam a casa para que a família Schneider venha ocupá-la em troca das terras na região da fronteira. “Quanto mais ouvia a mulher, mais se convencida de que estava dando um passo certo” (p.109). O papel das mulheres imigrantes alemãs, aquelas que passaram por momentos críticos, se distingue das demais mulheres que aparecem na obra. Há uma aura de um certo respeito por elas, que talvez só tenha sido conquistado pelo sofrimento pelo qual passaram, o qual as fez tomarem decisões difíceis e importantes.

No capítulo seguinte, Sofia está grávida. Por isso, Gründling compra mais duas negras escravizadas e faz encomendas do Rio de Janeiro e da Alemanha. Para tanto, conta com a ajuda de Schaeffer, o qual faz comentários sobre Sofia, o que não agrada Gründling em nada.

[...] isso de fazer filho na menina foi realmente uma loucura. Segundo um médico daqui [Alemanha], vocês podem fazer amor até o oitavo mês, desde que adotando cuidados especiais. E já deves ter notado, sensível como és, que a vagina da mulher prenhe tem um grau a mais de temperatura. Trata-se de um requinte, mas de requintes sei que ambos vivemos. (GUIMARÃES, 1991, p. 111-112)

Neste caso, assim como aconteceu com a negra escravizada que vive com a família Schneider, o termo *prenhe* também é utilizado.

Na noite em que Sofia e Gründling se casam, há pontos importantes em relação à representação da mulher. Izabela é a única mulher convidada para a cerimônia. Quando Sofia começa a caminhar ao lado de Gründling, como se estivesse casando em uma igreja, Izabela pensa “no dinheiro que faria com uma menina dessas no seu salão. Bastaria tê-la encontrado antes de Gründling” (p.120). Durante o jantar, Izabela seguia observando Sofia, olhando para os seus seios, e pensava “há quanto tempo não vejo algo assim. Com uma menina dessas eu faria fortuna em menos de um ano” (p. 123). Ainda, quando os três homens convidados iam se retirando, Gründling comenta que a continuidade da festa se dará na casa de Izabela, que ele havia pedido as melhores mulheres para os amigos.

O último capítulo da oitava parte trata da chegada da família Schneider a São Leopoldo. Novamente, quem toma a frente de tudo é Catarina. É ela quem organiza todas as

funções da casa, enquanto Daniel fica acuado em um canto, tão deslocado que chega ao ponto de cavar um buraco no chão e tampar para dormir todas as noites. Catarina vai conversar com o Dr. Hillebrand, confirma ali que está tudo certo com o nome da família e que podem recomeçar a vida. Compra as ferramentas para que Daniel volte a trabalhar como seleiro, arruma para ele um sócio e visita os amigos que vieram junto com a família no mesmo navio. A estes amigos ela propõe um negócio: que eles vendam à ela tudo o que produzem para que ela revenda em São Leopoldo e Porto Alegre. Até então a produção era vendida para Gründling. Os amigos aceitam a proposta e Catarina amplia os galpões de casa, “queria instalar o novo empório da praça de São Leopoldo” (p. 130).

O bebê de Sofia e Gründling nasce. Estão na expectativa para saber se é menino ou menina, Gründling querendo que seja menino e que se chame Jorge Antônio, em homenagem a Schaeffer. Nasce um menino e o primeiro comentário de Sofia para Gründling é “Estás contente? Querias um homem” (p. 131). O diálogo entre os dois segue, Gründling responde:

- Muito, muito mesmo. Vai ser um Spannenberger Gründling de deixar nome na história. Macho como poucos, disso não tenho a menor dúvida.
- Pelo que vejo estás te deixando influenciar demais pelos gaúchos. Pois olha, eu quero que seja músico, ou poeta, ou um alto senhor de negócios - disse Sofia com os olhos úmidos.
- Será o que você quiser, meu bem. (GUIMARÃES, 1991, p. 132)

Pouco antes da cena anterior, há um comentário da parteira em relação a Sofia. Primeiramente se refere a ela como menina e depois diz que “tem uma bacia capaz de parir um filho de nove em nove meses” (p. 131).

Jorge Antônio está com dois meses e Gründling passa a sair de casa à noite, voltando de madrugada sem conseguir colocar a chave na porta. Sofia sabe que ele vai para a casa de Izabela. Em poucos dias Gründling viaja para o Rio para se encontrar com Schaeffer e depois com o imperador Dom Pedro II. Antes de partir, porém, tem a certeza de que fez mais um filho em Sofia, o qual deve ser mais um homem. Para Gründling, “o mundo não fora feito para mulher” (p. 144).

A imperatriz Leopoldina é uma mulher que aparece pouco na narrativa, mas que é fundamental para todo o negócio da imigração. Na História, Dona Leopoldina morreu em 11 de dezembro de 1826 em decorrência de complicações de um aborto espontâneo. Desde a sua morte, o negócio da imigração alemã ao Brasil ficou mais difícil, como se pode ler na passagem a seguir:

- Com a morte de Dona Leopoldina as coisas mudaram muito para o major - explicou Moog com ar abatido. - Esta outra imperatriz, apesar de ser da casa dos Leuchtemberg, é mesquinha. Ficou sabendo da amizade que ligava o major à falecida imperatriz e tanto bastou para não querer ouvir o nome dele. Ciúmes, sabe. (GUIMARÃES, 1991, p. 151)

Ainda no Rio de Janeiro, Gründling passa a última noite com a mulata Marina, apresentada pelo comandante Blecker. Segundo ele, a melhor mulher do mundo. Quando regressa a Porto Alegre, Sofia pergunta com quantas mulheres ele havia dormido, ao que Gründling responde “nenhuma, posso jurar de pés juntos, nenhuma. Depois que te encontrei, minha vida mudou muito, estás sempre no meu pensamento, não consigo me concentrar noutra coisa [...]” (p. 163).

Logo depois da passagem acima, Gründling, com ar de preocupado, resolve se encontrar com Schiling e Kalsing, dois homens que trabalham para ele. Entre outras coisas, Schiling faz chegar aos ouvidos de Gründling, pela primeira vez, que uma mulher em São Leopoldo entrou para o comércio e que está pegando para si a maioria dos clientes. O comentário de Gründling é: “então os meus valentes homens estão se deixando enrolar por uma mulher! Parece mentira.” (p.165). Depois deste comentário, questiona por quê uma mulher, onde estaria o marido dela. Schiling comenta que o marido enlouqueceu, contando toda a história. E é só aí que Gründling se dá conta de quem se trata. Ele não lembra de Catarina, apesar de ter sido ela a tomar a decisão de ir para as bandas do Chuí. Gründling então decide que quer conversar com Catarina.

É no capítulo cinco da parte onze que o encontro acontece. Juanito vê Gründling e corre para avisar Catarina, a qual pega a espingarda que está sempre armada e se posiciona na frente de casa, ao que Juanito faz o mesmo com outra espingarda. Gründling e Schiling não conseguem se aproximar. Trava-se, então, o seguinte diálogo entre os dois:

- Depois de tudo o que eu fiz por vocês...
 - O que você fez, não fará mais - tornou Catarina com voz decidida. - Nos largou no meio de dois inimigos com as suas malditas armas de contrabando. Arruinou as nossas vidas e a cabeça de Daniel Abrahão. Você só quer dinheiro, Herr Gründling. Só o dinheiro tem valor para você. Pois leve o que mais adora no mundo. Metia as mãos nos bolsos do avental e de lá tirava moedas que ia jogando para os lados de Gründling.
 - Tome, junte aí no chão o dinheiro que você quer. Agarre o dinheiro e não apareça nunca mais. Nunca mais.
 [...]
 - A senhora não perde por esperar, nem seu marido. Pode ficar certa disso. Bandidos, miseráveis! (GUIMARÃES, 1991, p.168-169)

No capítulo seguinte, Gründling está inconformado por ter sido humilhado por Catarina na frente de várias pessoas e por não ter reagido. Em seus pensamentos, se ele tivesse ido até ela, Catarina não teria atirado, ele teria tomado a espingarda de suas mãos e a quebrado no joelho, podendo assim voltar com dignidade para casa. Pensa que não vai conseguir olhar para Sofia. Bebe uma garrafa de cachaça na viagem de São Leopoldo até Porto Alegre e precisa ser carregado por três negros até a sua casa.

No primeiro capítulo da parte treze, Catarina é chamada, de noite, a ir para a casa de Germano. Lá estão os alemães Antônio Luiz Schröder, Francisco Lucks, Jacob Sperling e Augusto Richter. À exceção do primeiro, os outros três estavam presos em Porto Alegre junto com Oto Heise. Foram torturados para que falassem algo em relação à conspiração dos alemães. Catarina era a única mulher ali, e foi chamada justamente pelo seu espírito de liderança e de resolução de problemas.

O primeiro capítulo da parte quatorze é dedicado à morte de Ceji. Ela estaria com a tísica (doença pulmonar contagiosa). Catarina fez questão de que ela tivesse um enterro como cristã, apesar de olhares tortos. “Uma índia com enterro de gente” (p. 199). Juanito já sabia que a companheira morreria naquele dia, antes do sol nascer. Teria ouvido o grito do Urutau, um pássaro noturno. Naquela semana, Catarina havia escrito uma carta a Oesterreich e falava que Ceji estava doente; “[...] nem ele se lembraria mais de Ceji. Uma índia a mais ou a menos, essas coisas nem são notadas. A tísica não faz diferença entre brancos e bugres.” (p. 200). O pastor Frederico Klinghøfer fazia o culto de despedida de Ceji no empório de Catarina, enquanto rezava, não conseguia imaginar “quais as obras que um gentio poderia levar para a eternidade; as obras da indiazinha eram tão fracas para serem notadas pelo Senhor.” (p. 200).

Catarina dá à luz a mais um filho, João Jorge. Faz quase tudo sozinha, Daniel só sai da toca depois do nascimento, mesmo ouvindo os gemidos das contrações de Catarina desde o início.

No capítulo seguinte, o quinto da parte quatorze, Mariana sugere a Gründling que ele leve Sofia para ver a iluminação na Rua da Praia. Em outros momentos da narrativa, surge a questão de que Sofia não tem contato com outras pessoas, está sempre dentro de casa. Quando ela diz a Gründling que gostaria de pegar sol para deixar de ser tão pálida, ele responde que quer ela assim. Entende esse pedido de Sofia de outra forma, como se ela

estivesse precisando socializar com outras mulheres, e na mesma semana convida alguns dos seus amigos, juntamente com as esposas destes, para uma festa em sua casa.

Não, Frau Sofia não precisava ver nenhum vapor chegando, isso não era mais novidade e se quisesse ver bastaria chegar numa das janelas dos fundos. Com uma vantagem: não sentiria o fedor do cais, pior do que o fedor das charqueadas. Pois não acho que ela precise de sol, gosto dela assim como ela é. (GUIMARÃES, 1991, p. 209)

No primeiro capítulo da penúltima parte do livro Sofia cai de cama. O doutor Hillebrand afirma que não é nada de mais, apenas uma fraqueza ou anemia e recomenda que, assim que Sofia estiver melhor, faça mais caminhadas ao ar livre e pegue mais sol.

Quando acontece o conflito pela criação da Sociedade Militar, o bordel de Izabela pega fogo e é completamente destruído. É neste momento da narrativa que sabemos um pouco mais da história dela e, possivelmente, o porquê de ela estar naquela vida: “Caminhou como autômata, não saberia em que pensar, vinha sempre à cabeça alguns trechos de um *purahjei* muito distante, ela menina, uma tasca cheia de bêbados, seu pai atrás de um pequeno balcão de madeira.” (p. 224).

No primeiro capítulo da última parte do livro, Emanuel - o empregado de Catarina no empório em São Leopoldo - casa-se com Juliana. Quando chegam da igreja à festa, Germano dá a notícia da morte de Krieger à Catarina. Pede se Catarina pode emprestar uma carroça para buscar o corpo em Porto Alegre e, quando Salisch está prestes a sair com a carroça é levado preso, no meio de todos os convidados. É uma cena humilhante, pois além do momento, Salisch é levado amarrado. Enquanto o soldado que o leva está montado no cavalo, Salisch se vê obrigado a correr para acompanhar o trote. Naquela noite, Catarina deita na cama e chora, pela primeira vez na narrativa. Enquanto chora, lembra dos piores momentos na estância Jerebatuba e só consegue pensar que tudo de ruim que acontece é culpa de Gründling.

No capítulo seguinte, Sofia está cada dia mais fraca. Gründling se questiona se ela está dormindo ou morrendo. De noite, o Capitão Blecker visita a casa, trazendo uma carta de Schaeffer. Gründling tem certeza de que na carta está o nome de um remédio europeu milagroso que irá curar Sofia. Porém, antes mesmo de Gründling ler a carta, Blecker diz:

- Herr Gründling, nem sei como começar. Bem, esta carta me foi entregue no Rio por um senhor chamado Moog, isso a quase três meses. Acontece que fui até a Bahia e por isso demorei a chegar aqui.

[...]

Lamento muito, mas preciso lhe dizer que o Major Schaeffer morreu, isso me foi dito por Moog quando entregou a carta. O major, se não me engano, estava vivendo entre os índios, buscava ouro, diamantes, pedras preciosas. (GUIMARÃES, 1991, p. 230)

Gründling termina de ler a carta com Sofia nos braços. Está dando palmadinhas nas costas dela, como se faz com um bebê. Ao mesmo tempo, devaneia em relação a Schaeffer. O doutor Hillebrand entra no quarto e percebe que Sofia faleceu.

O último capítulo do livro é bastante simbólico e tem um desfecho surpreendente. Catarina está prestes a falar com Gründling, possivelmente cometer algum tipo de violência. No momento em que chega na frente da casa, encontra o doutor Hillebrand, o qual tem conhecimento das questões de Catarina. Ela afirma que Gründling não matará mais ninguém, ao que se segue o seguinte diálogo:

- A senhora está enganada. Gründling não sai de casa há quase dois meses. Esteve todo esse tempo ao lado da mulher que morria.

- O senhor está mentindo!

- Então veja com os seus próprios olhos - disse ele.

As portas da casa cor-de-rosa foram abertas, algumas pessoas começaram a sair, Gründling à frente, carregando o caixão de Sofia. (GUIMARÃES, 1991, p. 237)

Quase ninguém tinha vindo para o enterro e, quando Gründling vê Catarina, agradece que tenha vindo, apesar de ter se surpreendido. Catarina então se junta à procissão, sem falar nada e assim termina a narrativa.

Aquino (2007) considera que o narrador de *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* proporciona ao leitor a possibilidade de *sentir* junto com as personagens.

Como não sentir com Catarina e com Gründling o que sentiram, cada um sem saber as reais razões do outro de estarem frente a frente, quando ela, resoluta em seu propósito de vingança, vai à casa dele e encontra-o saindo com sua amada Sofia no caixão? É um momento de intensa emoção, em que uma personagem se modifica ao olhar da outra: Catarina já não é mais vista por Gründling como objeto capaz de arrecadar renda fácil para ele e, sim, como uma solidária da mesma etnia que teria vindo para consternar-se pelo ocorrido; ela, por sua vez, recua em seu plano de matá-lo, sabedora de que a vida já tinha feito justiça em seu lugar. (AQUINO, 2007, p. 264)

5.2 Bárbaros no Paraíso

Em *Bárbaros no Paraíso* há duas mulheres que se destacam muito ao longo de toda a narrativa: Sofia e Maria Anita. O primeiro ponto importante é que ambas são narradoras de

boa parte da obra. Há um revezamento entre três vozes narrativas, uma delas sendo um narrador em terceira pessoa e as outras duas já citadas a pouco.

Maria Anita é professora de piano, casada com Francisco Oblarte, um republicano convicto e é amante do delegado Leovegildo Ramos de Souza. É uma mulher muito bem articulada, entende bastante de política e tem falas muito inteligentes sobre o assunto, o que sempre deixa o marido incomodado.

Sofia Wanderer é católica, filha de Ingrid e Germano. Fruto de um casamento conturbado, pois Ingrid nasceu católica mas se viu obrigada a converter-se ao protestantismo quando descobriu que estava grávida de Germano, um luterano. Sofia é aluna de piano de Maria Anita e o amor da vida de Solon Flores, um brasileiro republicano. Na única vez em que Sofia e Solon ficam juntos, encobertos por Maria Anita, Sofia engravida. Por este motivo, ela é obrigada pelo pai a casar-se com Jorge Werther. No primeiro dia do casamento, ela impõe regras rígidas a Jorge: dormir em quartos separados, nunca ter encontros íntimos, nunca ser chamada de querida.

Quando o filho de Sofia com Solon Flores, José Henrique, nasce, ela relembra os sonhos de menina e a melancolia bate ao pensar no destino da relação dos pais:

E meus quereres sempre foram tão simples: só um homem a quem agradar e servir; um filho para criar e mandar para a escola. Nada que qualquer mulher já não tivesse querido e conseguido. Mas às vezes o amor tropeça e se perde. A gente nunca mais o encontra. Como o de meu pai e minha mãe. (STIEHL, 2003, p. 177)

Enquanto Sofia entrava em trabalho de parto, o Brasil entrava nos conflitos da Primeira Guerra Mundial. A cidade de São João do Monte Negro encontrava-se insandecida. Jovens se alistavam para lutar, e entre eles estava Solon Flores. Enquanto as mulheres do círculo de Sofia se organizavam para a chegada de José Henrique, Germano ia para o *Germany* para defender o clube de ataques. É um momento emblemático na obra: o nascimento do filho de um amor proibido no dia em que os brasileiros juravam guerra à Alemanha. Junto às dores do parto, Sofia delirava.

Desde meu casamento, eu quis acreditar que o que diziam de nós era verdade. Só um povo abandonado por Deus, como o nosso, arrastaria um continente todo à barbárie, exterminando mulheres, velhos e crianças, como na Bélgica. Só um povo como o nosso dividiria a Igreja em duas. Só um povo como o nosso jogaria os filhos nos óbvios caminhos do sofrimento. Nada mais natural então que fôssemos escorraçados e odiados onde quer que estivéssemos. Agora, eu seguia o meu destino de bárbara, trazendo ao mundo uma criança que seria renegada por muitos, que seria

motivo de chacota da comunidade, a híbrida personificação de nossa fraqueza e de nossa vergonha. (STIEHL, 2003, p. 126)

Apesar de não poder viver a vida que sonhara com Solon, depois do nascimento do filho, Sofia se permitiria sonhar com um futuro melhor, “alguém [José Henrique] poderia ultrapassar aquela época sem as muletas do passado ou da necessidade do futuro.” (STIEHL, 2003, p. 166).

José Henrique morreu de uma moléstia desconhecida, sem ter completado três anos de idade. Desde o dia da morte, Sofia largou Jorge e voltou a morar na casa dos pais, decisão que não duraria mais de três meses. Logo após a morte de José Henrique, Sofia passa a ter delírios, se comporta como se o filho e Solon estivessem morando junto com ela no seu antigo quarto na casa dos pais. Perambula pela cidade como se fosse uma mendiga. Jorge passa a tentar convencê-la de voltar para casa, apesar de todas as humilhações que ela faz, mas no fim das contas ele a convence e Sofia volta para a casa de Jorge.

Jorge bebia e jogava muito enquanto solteiro. Parou por pouco tempo logo que se casou, mas devido ao comportamento de Sofia logo depois de casados, voltou rapidamente à vida anterior. A única coisa que importava para ele era o seu comércio. Não tomava posição em nenhum dos conflitos da cidade, queria que tudo se apaziguasse para que o comércio pudesse voltar a progredir. Logo também começou a frequentar as “casas de tolerância”, ou seja, prostíbulos.

- Amo as brasileiras. As mulheres brasileiras. As putas brasileiras.

Na noite seguinte, na mesa do carteado novamente, condenavam as mulheres pelos prazeres que lhes tinham proporcionado. Não poucas vezes, partiam em vagão particular no trem para Porto Alegre, onde ousadias e prazeres eram ainda mais fascinantes. Jorge só não ia quando Germano Wanderer, por motivos muito parecidos, estava no trem. (STIEHL, 2003, p. 124)

Da mesma forma que Sofia se viu obrigada a casar com Jorge, Solon Flores, depois de ter engravidado Sofia e de toda a comunidade saber, mesmo sem se falar abertamente sobre o assunto, deu um jeito de casar-se com uma brasileira: Maria Ernestina. Em um determinado momento da narrativa, as duas se encontram na rua e Maria Ernestina profere vários insultos à Sofia, tais como “alemoa puta”, “alemoa retovada” e “cadela albina” (p. 122). Mais tarde, a esposa de Solon fará parte e tomará a frente do grupo de senhoras e senhoritas patriotas.

A personagem Maria Anita é um destaque sutil ao longo de toda a narrativa. É uma mulher muito inteligente, sedutora, tem opiniões muito bem embasadas sobre política, o que incomoda muito o marido, Chico Oblarte. Chegando mais para o final da narrativa, é possível entender um pouco melhor as razões de como é o casamento dela com Francisco e como o delegado está envolvido nesta trama.

Pensou em como eram alegres as partidas de Francisco e tristes os seus retornos. Se, no começo, ela teve prazer em traí-lo, em puni-lo pela maneira vil com que havia tratado seu pai, agora já não pensava mais assim. Incomodavam-na os encontros furtivos com Leovegildo. Queria uma vida normal com o homem que amava. Para esse sonho, Francisco Oblarte era um estorvo. (STIEHL, 2003, p. 245)

Francisco Oblarte tinha um sentimento de ódio e amor por Maria Anita. Quando se casou com ela, queria gerar inveja aos outros. Contudo, esse sentimento mudaria logo.

A personalidade da esposa o corroía e, para isso mesmo, ela estudava gestos, palavras, maneiras de ser mais querida, mais desejada. O marido era um homem tosco, pequeno, sem encantos, qualidades ou entusiasmo. E Maria Anita incumbiu-se, com prazer, da tarefa de não deixar ninguém esquecer que ele não era nada. E menos ainda sem ela. Tudo para ver Francisco Oblarte rastejar, humilhar-se e envergonhar-se. (STIEHL, 2003, p. 246)

Maria Anita não se revela em nenhum momento favorável aos republicanos ou aos federalistas, todavia, considerando que é esposa de Francisco Oblarte, um republicano, ela também é classificada como tal. No entanto, não tem relações repulsivas com as personagens de origem alemã, pelo contrário, se torna uma grande amiga de Sofia Wanderer e no futuro casa-se com o irmão dela, Felipe.

No capítulo dez da segunda parte (STIEHL, 2003, p. 104), ao encontrar o doutor Chagas de Carvalho, Maria Anita comenta, de forma sarcástica, a leitura que fez de um artigo escrito por ele no jornal *O Progresso*. O que recebe de resposta dele é “- A senhora é bem ousada. Consequência do jugo de um homem frouxo!”. E logo depois ainda ouve o dentista falando baixo que “mulheres livres, fim dos valores”.

No início da narrativa, Sofia é uma menina; muito rapidamente se torna uma mulher e sofrida, maltratada pelas consequências de suas escolhas. Vive a maior parte da vida na dor, aceitando o fardo que precisa carregar. Maria Anita é uma mulher inteligente, dona de si apesar do período histórico em que vive. Apesar disso, tanto ela quanto Sofia serão julgadas por seus atos, predominantemente por serem mulheres.

No geral, as personagens mulheres tanto em *Bárbaros no Paraíso* quanto em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* procuram acalmar os ânimos dos homens com quem se relacionam. A mãe de Solon Flores e esposa de Antônio Flores procura acalmar o filho quando no final de 1919 os jornais alemães voltam a circular pela cidade: “Calma, Solon. É uma decisão do Presidente, com a concordância de Borges de Medeiros. Devem saber o que fazem.” (p. 174)

No capítulo oito da quinta parte, Sofia é estuprada pela primeira vez por Jorge, seu marido. Enquanto o ato acontece e Sofia tenta se defender e sair da situação, ela fala que odiará o marido ainda mais se ele não parar. Todavia, ele não para e, quando termina o ato, fala as seguintes frases:

- Todas as noites vou dormir neste quarto, nesta cama, junto contigo! Tu esquecerás Solon Flores ou deitarás comigo apesar de amá-lo; em respeito ao nosso matrimônio, tu o trairás! Trairás o que sentes por ele, o que é a mesma coisa.
- Estás louco!
- Eu venci! Venci o filho da puta do Flores! Venci tua castidade, que era o símbolo do teu amor por ele. (STIEHL, 2003, p. 211)

O papel de Maria Anita em *Bárbaros no Paraíso* é curioso. Ao mesmo tempo em que as mulheres no geral não são protagonistas na narrativa, a inteligência e lucidez com que Maria Anita reflete sobre as questões políticas, mesmo que pudesse ser uma questão adjacente para o autor, chama a atenção neste estudo. De fato, os homens que estão brigando por questões políticas não trazem argumentos sólidos nos embates. Não há racionalidade nas disputas entre republicanos e federalistas e, talvez por isso, o título do livro tenha a palavra *bárbaros*.

Sofia, apesar de ter uma trajetória bastante sofrida, recupera a sanidade alguns meses depois da morte do filho. O irmão de Sofia, Felipe Wanderer, volta do seminário para o qual havia sido mandado pela mãe beata, a qual acreditava que tornar o filho um padre redimiria o estrago de ter ela se casado com um luterano. No retorno de Felipe, Ingrid, a mãe, tenta de todas as formas que o filho retorne ao seminário. Contudo, Felipe está convicto a levar uma vida mundana e Sofia alerta a mãe. “Quanto mais para perto de Deus se tenta empurrar alguém, mais fácil se escorrega para longe Dele” (p. 231). Gertrud morreu no dia em que se soube da vitória de Borges de Medeiros, ou seja, em 8 de janeiro de 1923.

No velório de Gertrud, Sofia lembra do que a avó lhe contou sobre o nascimento. Gertrud já nasceu no Brasil, sua mãe é que teria vindo da Europa.

Na noite anterior, eu sonhara com o cão que havia comido a placenta e o cordão umbilical que ligava Gertrud à sua mãe, nosso povo à Europa. O cão, ao não permitir que aquela carne apodrecesse no chão brasileiro, impediu a fusão entre nosso povo e a nova terra. Fora aquele cão que nos condenara a viver sem pátria? Aquele cão fora nosso primeiro grande inimigo? Depois dele, quantos cães ainda se alimentariam de nossa carne? (STIEHL, 2003, p. 250)

A obra de Pedro Stiehl traz também uma bonita relação entre Sofia e sua avó paterna, Gertrud. Quando a avó está no leito de morte, Sofia está junto a ela. Gertrud não se perdoa por não ter cuidado melhor da neta, por ter permitido que ela passasse por todo o sofrimento pelo qual passou. Além disso, é neste momento, já delirando antes de partir, que ela confessa algumas coisas a Sofia: “- Deixa eu te contar, Sofia. Quando eu desejava os moços com quem dançava; quando eu me tocava escondida no meio da roça; quando, depois de casada, eu enxotava teu avô alcoólatra para o galpão para poder receber um amante na minha própria casa...” (p. 240)

No capítulo 22 da quinta parte, Chico Oblarte descobre o caso que a esposa Maria Anita mantinha a anos com o delegado Leovegildo. Chega em casa furioso e a estupra. Além disso, corta seus cabelos e bate nela para deixar marcas nas partes do corpo em que, segundo ele, os homens mais a admiravam. A reação de Maria Anita enquanto está sendo abusada é a de participar, de não resistir. Considera que isso vai humilhar o marido ainda mais. No final do capítulo, Maria Anita se dá conta de que Leovegildo não veio defendê-la.

Maria Anita fica presa, definhando dentro do quarto por duas semanas. Ela acredita que morrerá ali em questão de dias. Chico resolve levá-la até o padre Marx para que ela pudesse se confessar. Algumas pessoas começaram a perguntar por ela e Chico inventava várias desculpas. Nenhuma das pessoas que sabia da traição fez nada, mesmo imaginando qual era a situação de Maria Anita.

Depois de semanas, Solon Flores aparece na casa de Maria Anita e Francisco Oblarte. Uma das primeiras falas de Solon é: “Mataste-a? Então, tudo bem. Mas se não o fizeste até agora, é porque não és homem para tanto. Quero saber o que está acontecendo” (p. 271). Mesmo que Solon e Maria Anita tinham uma boa relação, ele ainda assim considera que teria sido honroso que Chico tivesse matado a mulher por traição.

No dia da morte de Gertrud, Solon foi ao velório e reencontrou Sofia, depois de muito tempo. Esse encontro fez com que Solon marcasse a data do casamento com Maria Ernestina, por perceber que estava com dúvidas. Quando Maria Ernestina se deu conta de que

na noite de núpcias ela estaria menstruada, quis adiar a data do casamento: “Uma mulher investe muito na sua noite de núpcias. Não posso permitir que o homem que amo se frustrasse na primeira vez em que lhe pertencerei.” (p. 273). Tanto ela quanto Solon sabiam que o casamento significava apenas uma relação formal.

Um dia antes do casamento, a mãe de Maria Ernestina lhe dá alguns conselhos.

Ao ouvi-la, Maria Ernestina descobriu que muito do que já tinha consentido em tenra idade a Solon era, aos olhos da mãe, uma inominável infâmia. A senhora enumerou todas as coisas que não deveria permitir ao marido e todas as outras que não deveria permitir nem a si mesma.

- Mesmo os homens, apesar de se deleitarem com ousadias, concordam que, vindas da esposa, elas são condenáveis. Para as demasias, há as mulheres da vida, as mulheres dos arrabaldes, as putas.

Disse mais sua mãe: que se contivesse, que mantivesse o recato, o corpo escondido, o silêncio, afogasse o prazer que porventura sentisse num mínimo de espasmo, num máximo de quietude. (STIEHL, 2003, p. 275)

Os dois últimos capítulos da quinta parte são dedicados a Maria Anita e a Sofia. Maria Anita, depois de muito tempo presa dentro de casa e sofrendo todo tipo de maus tratos, havia desaparecido. Muitos moradores procuraram por ela, mas não a encontraram.

Depois do casamento de Solon Flores com Maria Ernestina, Sofia decide se engajar na causa federalista. Ela funda a Cruz Vermelha que ajudaria os combatentes dos conflitos entre republicanos e federalistas. Segundo ela, “de uma certa forma, todos os republicanos, patriotas, católicos, borgistas eram responsáveis por meus males” (p. 277).

Maria Anita fugiu no dia do casamento de Solon, pegou um barco e andou pelo rio Caí até chegar em um casebre rústico, para o qual o marido a levou algumas vezes depois de casados. Por lá ela ficaria por meses até ser encontrada pelo grupo de Hygino Pereira. Os soldados avançaram nela, abusando-a. Quando Felipe vê a cena, ordena que parem imediatamente. A partir daquele dia, Maria Anita passa a ser uma guerrilheira junto com o bando. Num dos assaltos que o bando faz a uma fazenda, há um piano na sala da casa. Maria Anita toca por horas e todos ficam sensibilizados. Maria Anita passa a dormir com Felipe Wanderer e pede a ele que a mate, caso os provisórios - borgistas - tenham ela nas mãos. No epílogo da narrativa, o autor revela ser neto de Maria Anita e de Felipe Wanderer, os quais conseguiram fugir até o Paraná e de lá nunca saíram⁷. O fantasma que mais os assombrava seria o da degola.

⁷ De fato, o autor Pedro Stiehl revela no final da obra, trazendo surpresa e um desfecho impensado, que é o neto de Maria Anita e de Felipe Wanderer, personagens de *Bárbaros no Paraíso*.

À exceção de Sofia, a esposa de Gründling, todas as mulheres aqui citadas são frustradas nas suas relações afetivo-sexuais, ora por não poderem viver o amor que é proibido, ora por questões psicológicas. E mesmo Sofia Gründling acaba morrendo em decorrência das proibições do marido de pegar sol e passear, de ter uma vida fora de casa, encarcerada e incomunicável devido às proibições de um homem inseguro, figuras comuns nas duas obras apresentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquino (2007) traz em seu texto uma afirmação bastante importante e que se torna representativa para as duas obras analisadas nesta dissertação. Tal afirmação encontra-se no trecho abaixo:

Vivem [a família Klumpp Schneider em *A Ferro e Fogo*] um desordenamento na família, criado pela ameaça constante de sofrimento e morte, o que está provocando o fracasso do indivíduo Daniel Abrahão tanto no meio familiar quanto na sociedade. Diante desse fracasso, fortalece-se a mulher. (AQUINO, 2007, p. 269)

Diante do fracasso dos homens, fortalecem-se as mulheres. Tanto em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão* quanto em *Bárbaros no Paraíso* há personagens mulheres protagonistas. Nas duas narrativas, as mulheres estão inseridas em contextos de conflitos políticos, que todavia foram iniciados por homens. Também nos dois textos, os homens precisam lidar com derrotas e fracassos. Nestes momentos, mas não só, quem enfrenta os problemas são as mulheres.

À exceção da personagem Maria Anita de *Bárbaros no Paraíso*, as mulheres brasileiras têm pouco destaque nas duas narrativas. Todavia, há uma passagem interessante no livro de Pedro Stiehl onde elas são mencionadas: “não esqueceram de honrar a mulher brasileira, pelo gesto corajoso de arrebanhar os bens do Germanya para os patriotas.” (p. 153). Estas mulheres só passam a ter algum tipo de consideração quando estão relacionadas à política.

Nas duas obras analisadas, os conflitos políticos brasileiros acabam por envolver os imigrantes alemães ou seus descendentes. Geralmente este envolvimento não é voluntário, incluindo ironicamente o grupo de Voluntários Alemães em 1825. Particularmente, em *A Ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão*, a participação dos alemães na Guerra Cisplatina se dá logo na chegada dos imigrantes da Alemanha e torna o destino das personagens completamente diferente do imaginado quando saíram da pátria de origem. Em *Bárbaros no Paraíso*, não há uma guerra, apenas conflitos menores, mas ali a inclusão dos descendentes de imigrantes alemães se dá pela associação com a religião ou pelo simples fato de não serem considerados brasileiros autênticos.

No livro de Pedro Stiehl também não aparecem questões com outros grupos étnicos. Comparado com a obra de Josué Guimarães, os negros já estavam alforriados e os indígenas já eram bem menos numerosos e geralmente se agrupavam em locais diversos aos dos colonos.

No livro de Josué Guimarães, os alemães ainda têm poucas preocupações em relação aos brasileiros, tendo em vista que estão no novo país a convite da imperatriz dona Leopoldina. O governo imperial os queria ali. Os problemas que os alemães vão enfrentar em relação a outros grupos étnicos são ataques de indígenas, principalmente. As dificuldades na comunicação também geram contratempos, por ainda só falarem alemão. No livro de Pedro Stiehl, as personagens de origem alemã já poderiam ser consideradas brasileiras, pois nasceram no Brasil, não fosse a questão de ainda fazerem parte de um grupo bastante fechado em sua cultura e com fortes ligações com a Alemanha. Em uma fala da personagem de Gustavo Biehl, a qual é bastante extrema em relação a outras personagens alemãs, isso fica bastante claro:

Eu conclamo os que estão preparados para assumir as responsabilidades que a Alemanha nos exige. Os que forem fracos, os que não forem alemães de espírito devem capitular agora, abandonando tudo o que nos caracteriza e assumindo de vez a cultura inferior dos patriotas, que nada mais é do que a mediocridade histórica de Portugal, ainda mais degenerada. (STIEHL, 2003, p. 116)

Por serem narrativas que acontecem em tempos diferentes da História, fiquei curiosa em analisar os aspectos que mudariam e os que permaneceriam iguais em se tratando do contexto de imigração alemã no Rio Grande do Sul. Fiquei bastante surpreendida em relação aos dois aspectos, o que me incitou ainda mais em realizar a pesquisa.

Os alemães carregam consigo desde muito tempo o atributo de serem duros, demonstrarem pouco afeto, de serem muito disciplinados e, sobretudo, de apresentarem uma enorme capacidade de reconstrução. No que tange à questão das personagens mulheres das duas obras, estes atributos se manifestam em Catarina, em Maria Anita e em Sofia, de *Bárbaros no Paraíso*, consideradas as devidas ressalvas do que é entendido como ‘reconstruir-se’. Catarina e Sofia são personagens que têm origem alemã, o que se torna bastante curioso, pois são mulheres que muito raramente remetem em sua trajetória algo relacionado à Alemanha ou à cultura alemã.

Em consonância com o tema da mulher, há também a figura do homem nas obras analisadas. Entretanto, a trajetória destes não é tão marcante como a das mulheres analisadas. Obedecendo ao padrão do tempo histórico de cada narrativa, os personagens homens interpretam papéis bastante comuns aos que habitualmente já se sucede na literatura.

Partindo do preceito de que os imigrantes alemães que saíram da Europa vieram ao Brasil com várias promessas de vida nova, é compreensível que não imaginassem que eventos tão difíceis e decisivos como a participação em uma guerra pudessem fazer parte da nova vida, ainda mais logo no início. Nestas palavras não é desconsiderado o fato de que no seu país de origem a situação daquelas pessoas era bastante ruim. É sempre importante lembrar que muitas pessoas ao longo da história têm se deslocado não por vontade própria, mas sim por obrigação e necessidades decorrentes das mais diversas situações de instabilidade. Em se tratando dos imigrantes alemães vindos ao Brasil desde o século XIX, pode-se compreender como é bastante complexa a assimilação da nova pátria e da nova cultura, sendo percebida em certos aspectos até hoje.

É importante esclarecer que, por muitas vezes ao longo da pesquisa, considerei que seria importante também analisar o segundo tomo de *A Ferro e Fogo* e, talvez ainda, o livro de Assis Brasil que trata da questão dos *Mucker*. Quando da escrita do projeto de pesquisa, me instigava a semelhança entre as personagens mulheres dos livros aqui analisados, além da questão principal que era a política.

Existem muitas outras figuras de relevância nas obras e que mereceriam uma análise mais pormenorizada, no entanto optou-se por prestigiar a figura da mulher nas duas obras e o cenário político no qual elas próprias estão inseridas e que permeia a vida de muitas figuras, não somente femininas, mas também as masculinas. São muitas histórias de vida de imigrantes e seus descendentes de fortes características identitárias sendo narradas em obras ficcionais, histórias sendo contadas a partir de fatos reais ou não.

Muitas outras possibilidades de pesquisa abriram-se a partir da presente e certamente serão veredas pelas quais ainda pretendo andar, pois o contexto imigratório brasileiro é muito rico e quando afirmo isso não penso somente na imigração alemã no Brasil, mas nos muitos grupos étnicos que formam o que temos hoje por Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Ivânia Campigotto. **A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance III: O romance como gênero literário**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019 (1ª Edição).

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2013.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar**. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Niterói, 1991. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL. Trad. Arthur B. Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

GERTZ, René E. **O perigo alemão**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

GUIMARÃES, Josué. **A ferro e Fogo: I. Tempo de Solidão**. 8ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1991.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**. Trad.: Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica (1920)**. Trad.: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/34, 2000.

. “Narrar ou descrever” (1936). Trad.: Giseh Vianna Konder. **Em Ensaios sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

NEUMANN, Gerson Roberto. **A (e)migração das áreas de língua alemã para o Brasil: panorama histórico**. In Migrações alemãs para o Brasil: História e Literatura. Org.: Gerson Neumann... [et al.]. São Leopoldo: Oikos, 2022.

. **Espaço espaços. Panorama da conceituação de espaço**. In Espaço/espaços: estudos de literatura comparada. Org.: Rita Lenira de Freitas Bittencourt... [et al.]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

ORTIZ, Eduardo. **A imigração alemã pela mimética de A ferro e fogo: a ficcionalização da história no romance de Josué Guimarães**. 261 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História PUCRS, 2022.

OURIQUE, João Luis Pereira. CUNHA, João Manuel dos Santos. NEUMANN, Gerson Roberto. **Literatura: Crítica Comparada**.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Organização: Karen Pupp Spinassé. 2ª ed. compl., rev., atual. São Leopoldo: Oikos, 2022.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Sob o signo do presente: intervenções comparatistas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

STIEHL, Pedro. **Bárbaros no paraíso**. Porto Alegre: WS Editor, 2003.

ANEXOS

Anexo 1: Mapa das fronteiras no sul do Brasil entre 1750 e 1851

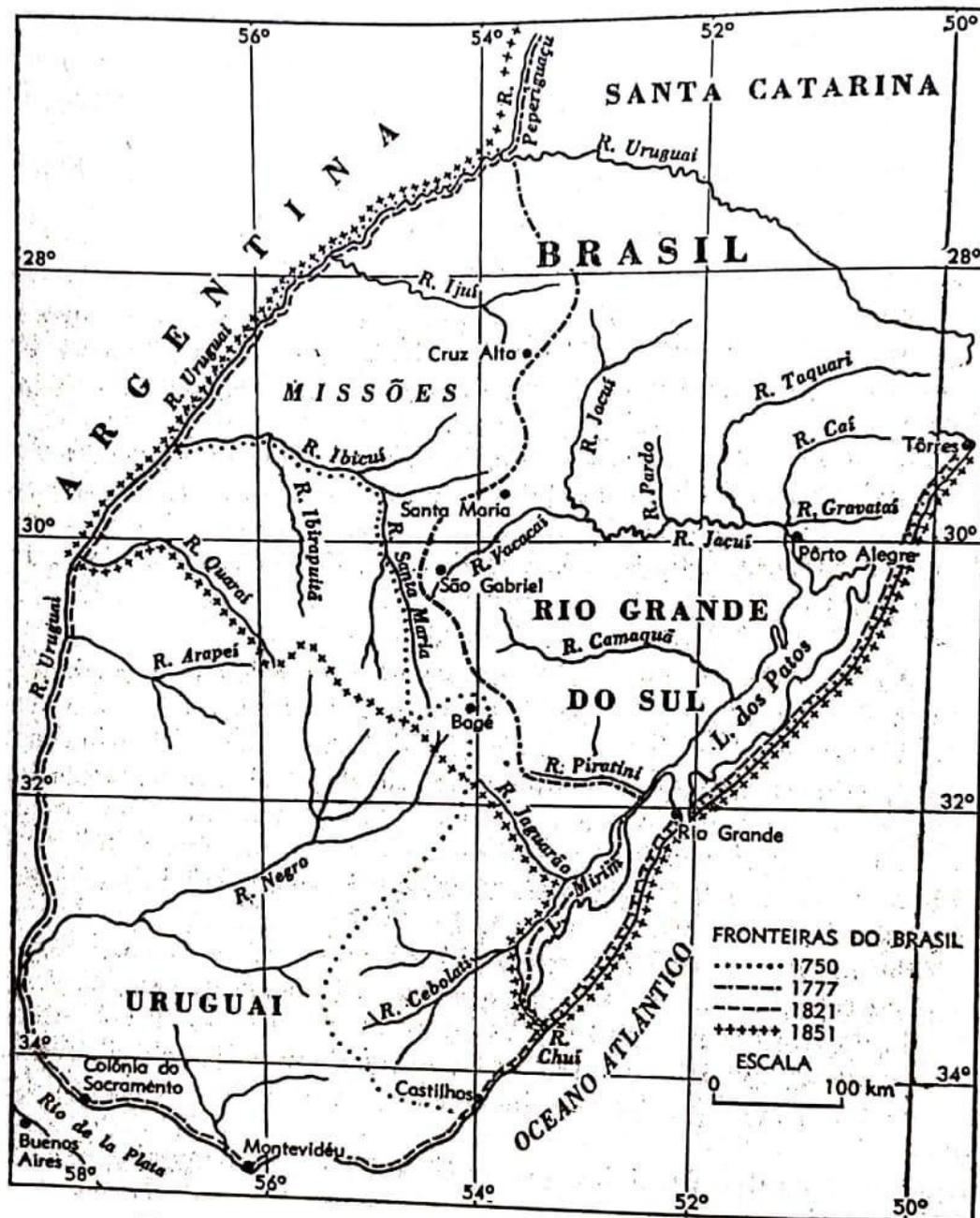


Fig. 2 – As oscilações da fronteira meridional do Brasil.
 A fronteira de 1851 é quase a mesma que fora estabelecida em 1828 quando da proclamação da independência do Uruguai, imediatamente depois do início da colonização alemã no Rio Grande do Sul.